

Suzel Cruz

**Turismo e Património Cultural em Cabo Verde:
A perspectiva da oferta**

Dissertação de Mestrado em Turismo, Património e Desenvolvimento

Apresentado no Instituto Superior da Maia

Sob a orientação do Prof. Doutor Eduardo Gonçalves

ISMAI

Resumo

Esta dissertação é um trabalho exploratório sobre o turismo e o património cultural em Cabo Verde. Cada vez mais o turismo em Cabo Verde é assumido como o pilar do crescimento do país e a indústria turística Cabo-verdiana encontra-se em franca expansão. Através de uma caracterização do fenómeno turístico em Cabo Verde, desde o seu florescimento até aos dias de hoje, pretendemos dar conta da evolução do setor e das recentes reconfigurações no panorama turístico do arquipélago que se espelham nos discursos narrativos e visuais presentes na promoção turística deste destino. Com base numa análise do discurso promocional, procuramos desvendar a forma como as ilhas são descritas enquanto destino turístico, revelando a diversidade de elementos presentes na imagem turística contemporânea de Cabo Verde. Assim, através de uma alargada pesquisa bibliográfica e documental faz-se um levantamento do património cultural do país e faz-se a discussão em torno das perguntas de partida, com vista ao desenvolvimento do nosso objeto de estudo.

Palavras – chave: Turismo; Património cultural; Cabo Verde.

Abstract

This dissertation is an exploratory work about tourism and cultural heritage in Cape Verde. Tourism in Cape Verde is taken as the central axis of the country's development, and the Cape Verdean touristic industry is in large expansion. Through a characterization of the touristic phenomenon in Cape Verde, since its beginnings until today, we attempt to report its evolution and the recent reconfigurations in the Cape Verdean touristic scenery which are reflected in narrative and visual discourses that promote this destination. By means of an analysis of the promotional discourse, we seek to unravel how this archipelago is described as a touristic destination, revealing the diversity of elements that build the contemporary touristic image of Cape Verde. So through a profound literature research, it is a survey of the cultural heritage of the country and it is the discussion around the questions of departure for the development of our object of study.

Key-words: Tourism; Cultural heritage; Cape Verde

À minha Mãe pelo apoio e amor incondicional

Agradecimentos

O meu agradecimento dirige-se a todos aqueles que tornaram possível este trabalho. Nomeadamente ao meu orientador, Prof. Dr. Eduardo Gonçalves; ao Dr. Hamilton Jair Fernandes, Director de Salvaguarda do Património no Instituto da Investigação e do Património Culturais (IIPC) Ministério da Cultura - Cabo Verde.

Também foi indispensável, para a elaboração desta dissertação, o apoio da minha família. À minha mãe Maria Auxília Cruz, minha irmã Suely Cruz, meu irmão Aritson Cruz e tias Ana Hemiliano e Filomena Estevão o meu sincero obrigado.

ÍNDICES

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Cabo Verde: evolução do PIB a preços de mercado, por setores.....	7
Gráfico 2 - Distribuição da população Cabo-Verdiana pelas ilhas.	23
Gráfico 3 - Países originários dos turistas que visitam Cabo-Verde (%).	Erro! Marcador não definido.
Gráfico 4 - Hóspedes e Dormidas (%) segundo tipo de estabelecimentos, 1º semestre de 2011	31
Gráfico 5 - Hóspedes e Dormidas (%) segundo Ilhas, 1º semestre de 2011	31
Gráfico 6 - Hóspedes e Dormidas (%) por país de residência dos hóspedes, 1º semestre 2011 .	32
Gráfico 7 - Estadia média (noites) segundo o tipo dos Estabelecimentos, por país de residência	33
Gráfico 8 - Hóspedes e Dormidas (%) segundo tipo de estabelecimentos, 3º trimestre de 2011.	Erro! Marcador não definido.
Gráfico 9 - Hóspedes e Dormidas (%) segundo Ilhas, 3º trimestre de 2011.	34
Gráfico 10 - Hóspedes e Dormidas (%) por país de residência dos hóspedes, 3º semestre 2011	35
Gráfico 11 - Estadia média (noites) segundo o tipo dos Estabelecimentos, por país de residência habitual dos hóspedes.....	35

Índice de Quadros

Quadro 1 - Evolução dos Hóspedes e das Dormidas segundo trimestres homólogos 2010/2011.	30
Quadro 2 - Evolução dos hóspedes e das dormidas, segundo trimestres homólogos, 2010/2011	34

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Evolução dos principais indicadores do turismo.....	24
Tabela 2 - IDE em Cabo Verde - principais setores e ilhas de destino (em %)	25

Lista de abreviaturas

BCV – Banco de Cabo Verde

CCITPCV – Câmara de Comércio, Indústria e Turismo Portugal Cabo Verde

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

ICCO – Indústria de Componentes e Calçados Ortopédicos

IDHS – Índice de Desenvolvimento Humano e Social

INE-CV – Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde

IPAD - Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento

OMT- Organização Mundial de Turismo

ONU – Organização das Nações Unidas

PAIGC - Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

PIB – Produto Interno Bruto

SDTIBM - Sociedade de Desenvolvimento do Turismo das Ilhas de Boavista e Maio

TACV – Cabo Verde Airlines

TAP – Transportes Aéreos Portugueses

UNDP - *United Nations Development Programme*

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

VAB – Valor Acrescentado Bruto

Índice Geral

Introdução	1
Capítulo 1	4
1. Cabo Verde – em perspectiva histórica.....	4
2. Caracterização socioeconómica.....	6
3. Marcas de Identidade e Hibridismo Cultural.....	11
4. Património e Turismo Cultural	16
Capítulo 2	22
1. Potencial turístico.....	22
2. Principais mercados emissores.....	23
3. Impacto na economia	24
4. Caracterização das ilhas	26
4.1. Santo Antão-simplicidade e “morabeza”	26
4.2. São Vicente-capital Cultural	26
4.3. Santa Luzia –habitat natural	27
4.4. São Nicolau-“berço da intelectualidade caboverdeana”.....	27
4.5. Sal-excelência do turismo balnear.....	27
4.6. Boavista-morna e tradição.....	28
4.7. Maio-ilha das dunas	28
4.8. Santiago-a capital.....	28
4.9. Fogo, ilha vulcânica	29
4.10. Brava-“ilha das flores”	29
5. Estatísticas do ano de 2011	30
6. Entidades reguladoras do turismo	36
Capítulo 3	46
1. Culturas e património de Cabo Verde	46
2. Costumes e tradições.....	51

Capítulo 4	58
1. Para uma rota de turística em Cabo Verde	58
Conclusão	69
Referências Bibliográficas	70

Introdução

O Turismo constitui um dos setores que mais tem contribuído para o crescimento económico e social mundial, proporcionando fortes fluxos de divisas nas economias, a par das dinâmicas de criação do emprego. Devido à sua complexidade, mormente pela transversalidade de sectores que perpassa e que fazem da atividade turística uma indústria, entende-se o seu output como um produto de exportação de uma região/país em relação ao país/região emissora dos turistas¹. No destino visitado gera mais-valias, favorece a criação de empregos, entrada de divisas que ajudam a equilibrar a balança de pagamentos, aumento de impostos públicos e dinamização da atividade empresarial. Embora haja igualmente custos associados ao desenvolvimento turístico, a atividade turística pode ter uma grande importância na economia devido a sua elevada contribuição para a criação de Valor Acrescentado Bruto (VAB) na região recetora, sobretudo pelos seus importantes efeitos multiplicadores na base económica local, regional e nacional.

No caso concreto de Cabo Verde, o turismo representa um dos principais eixos de desenvolvimento económico sustentado e com efeitos macroeconómicos importantes, sobretudo, na formação do Produto Interno Bruto (PIB)².

De origem vulcânica, este arquipélago é constituído por dez ilhas: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Santiago, Fogo e Brava, estando a ilha de Santa Luzia totalmente desabitada. Situadas na costa ocidental Africana, a 500 milhas do Senegal, as ilhas que compõem Cabo Verde têm potencialidades para se posicionarem como um importante destino turístico, valendo-se de um conjunto de condições ou fatores de atratividade, resultam de recursos muito frágeis que requerem uma gestão sustentável. Essa perceção vem sendo corroborada pelas inúmeras e insistentes manifestações de interesse de investimento por parte de vários operadores nacionais e estrangeiros e pelas instituições públicas. Mas, para que essa perceção seja conjunta, de modo a poder tirar proveitos a longo prazo, é preciso que seja definida uma política estratégica de desenvolvimento turístico, quer a nível nacional, quer a nível autárquico.

¹ TOOMAN, A.L. – 1997, “Tourism and development”. *Journal of Travel Research.* , N°35, p. 33-40.

² CABO VERDE, Ministério da Economia crescimento e competitividade; 2010-2013-*Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde*. Praia – Direção Geral do Turismo.

Apesar do turismo ter sido apontado pelos sucessivos governos como um dos principais promotores de desenvolvimento económico do país, Cabo Verde precisa, pois de definir e estruturar a sua política turística, para que possa colher bons frutos de todo este investimento.

O crescimento do setor turístico em Cabo Verde, assumido pelo Governo como um dos motores de desenvolvimento do país, pelo seu impacto em termos de geração de emprego, de rendimento e de desenvolvimento de uma forma geral, exige um esforço de planeamento de curto e médio prazo, de forma a maximizar os efeitos benéficos do turismo e a mitigar os potenciais impactos negativos a que possa ficar sujeito. A recente crise mundial – que já afeta substancialmente o setor em Cabo Verde, quer a nível dos investimentos (sobretudo na imobiliária turística), quer a nível dos fluxos de turistas para as ilhas – veio reforçar ainda mais a necessidade e a urgência de uma visão comum e partilhada por todos, quanto ao tipo de turismo que se pretende para Cabo Verde e quanto às linhas mestras para o seu desenvolvimento e potencialização, numa lógica de sustentabilidade e de maximização dos seus benefícios para toda a população.

Nesse sentido, pretende-se, com este estudo, abordar a temática do Turismo Cultural em Cabo Verde, em necessária articulação com o seu Património Cultural. Tendo em conta o potencial turístico, mas também eventuais fragilidades, o objetivo do estudo centra-se em mostrar aos visitantes e potenciais visitantes uma outra forma de conhecer e sentir Cabo Verde, através da sua Cultura, não desvalorizando, todavia, o turismo de “Sol e Praia” que é o mais procurado e praticado nestas ilhas. Por conseguinte o cerne da nossa investigação reside na busca do património Cultural Cabo-verdiano e na sua cultura como produto turístico. Com este estudo busca-se responder a questões como: O que é a Cultura de Cabo Verde? Como é que a cultura Cabo-verdiana pode ser apresentada como oferta turística? Tendo em conta que o património cultural é um ponto forte para o desenvolvimento do Turismo em Cabo Verde, o que se tem feito para tal? Quais são as entidades promotoras e regulamentadoras do Turismo em Cabo Verde?

Quanto à metodologia da investigação esta, parte da revisão literária, tendo em vista a clarificação dos conhecimentos sobre o tema em questão. Assim, é nosso entendimento proceder à adoção de uma recolha bibliográfica intensiva, que garanta a validade científica.

Na pesquisa efetuada, entendemos que vários são os autores a refletir sobre o turismo em Cabo Verde, constituindo o lastro desta investigação. Leão Pina, por exemplo, desenvolve pesquisa em torno da cultura política cabo-verdiana atual e procura descrever algumas das suas implicações para o sistema político democrático. Do ponto de vista dos conceitos que pretendemos desenvolver, observamos que António Gonçalves, numa das suas obras, fala-nos da construção de identidades, envolvendo a etnia, a cultura e a identidade cultural em África; João Lopes Filho aborda a dinamização do património cultural e o seu desenvolvimento em Cabo Verde, e estudando também a formação da sociedade e a mudança cultural que ocorre neste país.

De forma a obter-se respostas a estas questões e em ordem a estruturação do estudo, prossegui-se a sua divisão em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, começa-se por fazer uma breve contextualização histórica sobre Cabo Verde, a que se junta a caracterização socioeconómica do país. Ainda neste capítulo abordam-se marcas da identidade Cabo-Verdiana (desde a gastronomia, ao artesanato, música, etc.) Não se olvidando uma reflexão sobre o hibridismo cultural dado que este conceito nos permite entender que nenhuma cultura é realmente “limpa”, sem influência de qualquer outra.

No segundo capítulo, aborda-se o potencial turístico, passando-se em revista os mercados emissores e o impacto na economia que este mesmo potencial tem no país. Apresentam-se detalhadamente as ilhas, fazendo-se referências às diversas características de cada uma delas e apresentam-se os dados estatísticos relativos ao turismo em Cabo Verde em 2011. Por fim, fala-se sobre as entidades reguladoras do turismo.

O terceiro capítulo está plasmado, essencialmente, em torno das “culturas” e “patrimónios” de Cabo Verde, dos costumes e tradições; e no último capítulo, propõe-se uma rota turística nas ilhas de São Vicente, São Nicolau e Santiago.

Além da conclusão geral, acompanha o texto um elenco de imagens, quadros e gráficos ilustrativos, devidamente estruturado e fundamentado.

Capítulo 1

1. Cabo Verde - em perspectiva histórica

A presença portuguesa começou logo após descoberta do arquipélago, em 1460. Sendo as primeiras ilhas a serem povoadas as de Santiago e Fogo. Para incentivar a colonização, a corte portuguesa estabeleceu uma carta de privilégio³ aos moradores de Santiago do comércio de escravos na Costa da Guiné. Em Ribeira Grande – Santiago - estabelece-se a primeira feitoria, que serviu como ponto de escala para os navios portugueses e para o tráfego e comércio de escravos que começava a crescer por essa época. Mais tarde, com a abolição da escravatura e com condições climáticas pouco favoráveis, devido à sua situação geográfica, o país começou a dar sinais de fragilidade e entrou em decadência culminando numa economia pobre e de subsistência. No século XX, a partir da década de 50, começam a surgir os movimentos de libertação e independentistas um pouco por todo o continente africano. Cabo Verde vinculou-se à luta pela libertação da Guiné⁴.

A posição estratégica das ilhas nas rotas que ligavam Portugal ao Brasil e ao resto da África contribuíram para o facto de essas serem utilizadas como entreposto comercial e de aprovisionamento. Abolido o tráfico de escravos em 1876, o interesse comercial do arquipélago para a metrópole decresceu, só voltando a ter importância a partir da segunda metade do século XX.⁵ No entanto, já tinham sido criadas as condições para o Cabo Verde de hoje: europeus e africanos uniram-se numa simbiose, criando um povo de características próprias.

As origens históricas nacionais do processo tendente à independência de Cabo Verde podem ser localizadas no final do século XIX início do XX. Não foi um processo linear nem unânime, mas já neste período a independência foi pensada. Surgindo como uma hipótese de solução extrema para os problemas ou das reivindicações da elite crioula de então. Esta que reclamava devido ao desleixo ou negligência da metrópole em relação ao que se passava em Cabo Verde.

³ PINA, Leão D. J. L. – *Valores e Democracia em Cabo Verde entre adesão formal e embaraço cultural*. Instituto de Ciências Sociais: Universidade de Brasília, 2006, p.54. Tese de Mestrado em Sociologia

⁴ PIRES, Pedro - *Independência de Cabo Verde*. Revista Lusofonia on-line, março-abril/2010. Disponível no site http://revistalusofonia.net/ed59/capa_01_03.htm, em 6 de setembro de 2012.

⁵ ZAMPARONI, Valdemir – *Da Escravatura ao Trabalho Forçado: teorias e práticas*. Africana Studia, n.º 7, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 300.

Com o processo de formação nacional, muito cedo a máquina administrativa foi sendo assegurada pelos autóctones, ou que já tinham grande identificação com a colónia, com excepção aos cargos elevados como governadores, chefes militares e outros, ainda reservados aos representantes da soberania de Portugal. Esta “auto-suficiência” administrativa de Cabo Verde estava associada a uma escolarização relativamente desenvolvida e à existência de uma imprensa mais ou menos dinâmica introduzida por Portugal, que contribuíram para o surgimento de uma elite intelectual e burocrática⁶. Esta começou no século XX a discutir cada vez mais a questão da independência, gerando um clima de atrito com os representantes da metrópole. Os leitores que acompanhavam a imprensa oficial entendiam que se devia lutar pela independência ou, pelo menos, por uma autonomia honrosa.

Na metrópole portuguesa os habitantes de Cabo Verde eram muitas vezes considerados como “desleixados”, “indolentes”, “bêbados”, etc. Num exemplo de reacção a esta situação, em 1912, Eugénio Tavares escreve: “O indígena de Cabo Verde é Ativo e Trabalhador”. Esta atitude manteve-se até à independência de Cabo Verde.

Em 1956, Amílcar Cabral, Aristides Pereira, Luís Cabral, entre outros jovens patriotas da hoje Guiné-Bissau e Cabo Verde, fundaram o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) que surgiu no contexto do movimento libertador africano que ganhava força depois da Segunda Guerra Mundial e onde formaram uma unidade popular para lutar contra o que chamavam de “deplorável política ultramarina portuguesa”, afirmando que “as vítimas dessa política desejavam ver-se livres do domínio português”⁷.

A 19 de dezembro de 1974 foi assinado um acordo entre o PAIGC e Portugal, instaurando-se um governo de transição em Cabo Verde, Governo esse que preparou as eleições para uma Assembleia Nacional Popular. A 5 de julho de 1975 proclamou-se a independência do país. Considerado na altura por muitos como um país inviável, devido às suas próprias fragilidades, havendo mesmo vozes políticas em Portugal contra a independência do arquipélago, como é o caso de Mário Soares, afirmando que Cabo Verde deveria usufruir de autonomia administrativa tal como os outros arquipélagos

⁶ RAMOS, Maria da Luz - *O fenómeno elitista em Cabo Verde: o papel da educação escolar*. Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia Social, ISCTE. 2012, p.21.

⁷ EMBAIXADA DE CABO VERDE EM LISBOA - *5 de julho, Dia Nacional de Cabo Verde*, 2012. Consultado no site http://www.embcv.pt/lista_conteudos_sub.asp?idcont=2073&idarea=4&idsub=786, em 6 de setembro de 2012.

portugueses, Açores e Madeira.⁸ Em 1991, o país conheceu uma viragem na vida política nacional, tendo realizado as primeiras eleições multipartidárias, instituindo uma democracia parlamentar.⁹

2. Caracterização socioeconómica

Cabo Verde é, atualmente, um país em vias de desenvolvimento que, após a independência, em julho de 1975, tem aproveitado todas as oportunidades para prosperar. A cooperação económica tem sido uma das formas de estabelecer ligação e despertar o interesse da comunidade internacional para a cooperação e investimento empresarial nestas ilhas. Das áreas para o investimento destacam-se: turismo; energia; indústria; construção e imobiliária; pesca e transportes.

Com uma economia baseada sobretudo no setor de serviços (66% do PIB em 2008)¹⁰, Cabo Verde tem que importar quase tudo o que consome, o que o torna num país bastante sensível a perturbações externas. Contudo, a estabilidade económica conquistada com a implementação de políticas macro-económicas prudentes e reformas estruturais, especialmente a partir do início dos anos 90 do século passado, permitiu um desempenho da economia de Cabo Verde bastante satisfatório.

O setor de serviços (onde se inclui o turismo) vem crescendo sistematicamente nos últimos 5 anos, a uma média anual de 10,5%, puxado sobretudo pelo dinamismo do turismo. O setor de construção vem igualmente registando taxas de crescimento assinaláveis (média anual de 19,5% nos últimos 5 anos), igualmente como consequência do aumento dos investimentos no setor turístico, e do aquecimento no investimento público (infraestruturas) durante o período.¹¹

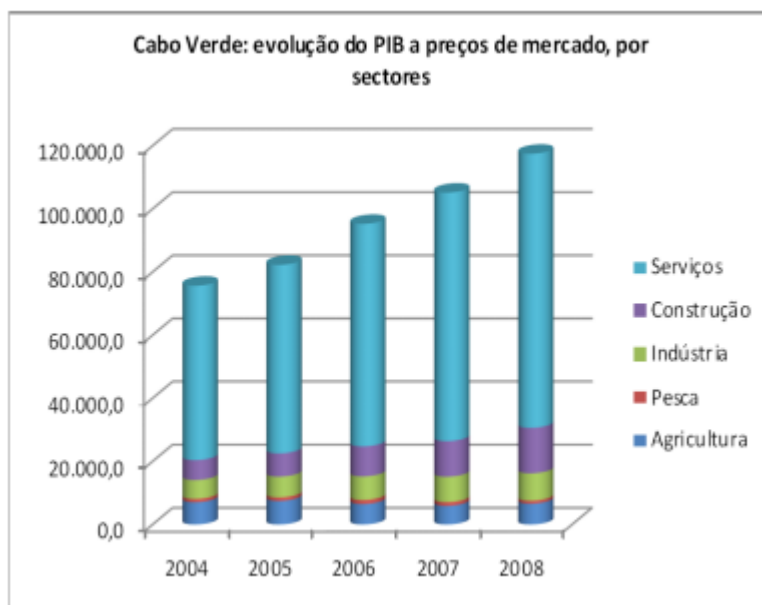
⁸ FORTES, Vandira A. N. – *Nacionalidade Brasileira e CaboVerdeana*. Monografia para obtenção do grau de especialista em Direito Internacional. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Instituto A Voz do Mestre. 2012, p. 23.

⁹ Idem, ibidem.

¹⁰ INSTITUTO NACIONAL DE ESTÍSTICA DE CABO VERDE – *Estatísticas Económicas*, 2008. Consultado no site <http://www.ine.cv/dadostats/dados.aspx?d=2>, em 6 de setembro de 2012.

¹¹ *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013*. Ministério de Economia, crescimento e competitividade – Direção Geral do Turismo, p. 29.

Gráfico 1 – Cabo Verde: evolução do PIB a preços de mercado, por setores.



[Fonte: Cabo Verde - *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013*]

Particularizando, o setor das energias é representado pela ELECTRA S.A. que detém o monopólio do fornecimento de eletricidade ao país. Para fazer face a este monopólio, o Estado está a procura de investidores para este ramo. A importação, armazenamento e distribuição de gás e combustíveis é da responsabilidade de duas empresas privadas: a SHELL e a ENACOL. Esta apresenta uma forte participação da petrolífera PETROGAL, GALP e SONANGOL.

Vários projetos de promoção de energia renovável estão em curso visando aumentar a capacidade de produção de energia eólica em Cabo Verde que, em 2006, ascendia a 2 525 kW, distribuídos por Santiago e São Vicente (900 kW cada), Sal (600 kW) e Boavista (125 kW).

A insularidade¹² é uma característica do arquipélago que, por um lado, favorece o setor das pescas, e por outro, dificulta o desenvolvimento da agricultura.

A variedade e abundância de peixe e a existência de boas condições de desembarque, em todas as ilhas, estimulam o investimento nesta área. Em todas as ilhas pratica-se a pesca artesanal. Na ilha de S. Nicolau encontra-se uma pequena unidade industrial de conserva de peixe, que exporta, sobretudo, o atum e a cavala, para as

¹² Insularidade - Situação de um país constituído por uma ou mais ilhas. [Fonte: Infopédia, Enciclopédia e Dicionários Porto Editora].

outras ilhas e também para Europa. Até 1999 a exportação destinava-se a Portugal, Espanha, Itália, França, Luxemburgo, Países Baixos, Alemanha, Grécia e Panamá.

O clima quente e seco, com existência de uma estação mais húmida (Julho - Setembro), e a atenuada pluviosidade condicionam fortemente a agricultura. Santiago, Fogo e Santo Antão são as ilhas com maior relevo e cujas características peculiares permitem a prática da agricultura. Garantindo, assim, quase a totalidade da produção agrícola do país. De onde se destacam as seguintes culturas: feijão, milho, cana sacarina (com a qual se produz a famosa aguardente nacional – grogue), batata-doce, amendoim, batata inglesa, banana e mandioca. Ainda, na ilha do Fogo, é possível cultivar o café.

O ramo industrial apresenta alguns constrangimentos, uma vez que Cabo Verde não possui recursos naturais, o que obriga a uma forte dependência do exterior. Contudo, existe nas ilhas de São Vicente e Santiago dois parques industriais, onde se pode encontrar pequenas unidades industriais nomeadamente, indústria de calçado, têxteis, alimentar (conserva de peixe e carne, panificação, doçaria, laticínio, moagem e torrefação de café), componentes eletrónicos, carpintaria e mobiliário, tintas e vernizes, produtos químicos e de higiene.¹³ A indústria de extração de sal tem uma menor expressão e realiza-se, principalmente, nas salinas de Pedra de Lume, na ilha do Sal. Esta produção é, ainda, muito deficitária, pois não chega para cobrir as necessidades da população.

O acesso às ilhas é garantido através de quatro aeroportos internacionais existentes na ilha do Sal, Santiago, São Vicente e Boavista respetivamente, facilitando a entrada e circulação de nacionais e estrangeiros. A ligação aérea, entre as ilhas e para o exterior, é feita com regularidade, sobretudo, pela TACV (transportadora nacional) e pela TAP.

Os transportes marítimos ganharam mais importância com o desenvolvimento do Porto Grande, em Mindelo, São Vicente, que tem capacidade para receber navios transatlânticos de grande porte. Através deste e com uma frota de 23 pequenos navios o

¹³ CÂMARA DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TURISMO PORTUGAL CABO VERDE. *Parques Industriais: introdução*. Consultado no site http://www.portugalcaboverde.com/item2_detail.php?lang=1&id_channel=32&id_page=135&id=150, em 6 de setembro de 2012.

transporte de pessoas e mercadorias, entre as ilhas e, também com o exterior, é feito de forma segura e regular.¹⁴

Por terra a circulação é feita através de uma rede de transportes interurbanos coletivos, onde opera a TRANSCOR, que pertence ao Estado, 3 empresas privadas em Santiago e mais 6 empresas privadas em Mindelo, São Vicente. Também é possível o aluguer de automóveis a turistas.

A comunicação entre as ilhas e o Mundo é feita através da empresa nacional de telecomunicações, TELECOM, que possui o monopólio de prestação de serviço nesta área. Para combater a monopolização deste setor, o Estado de Cabo Verde está aberto a propostas de investimento para este ramo. A população das ilhas tem à sua disposição uma rede de telefone fixo e móvel e também Internet. Existe, ainda, em todas as ilhas, postos de correio que permite, de forma organizada, a circulação de correspondência, nacional e internacional.

Com a Independência, a 5 de julho de 1975, Cabo Verde tornou-se livre e tinha pela frente um árduo caminho a percorrer rumo ao seu desenvolvimento.

O progresso veio com os governos que sucederam a independência e com as políticas adotadas por estes. Contudo, esta evolução não seria possível sem as relações económicas com o exterior que são, um dos fatores de desenvolvimento do país e são também uma forma de estabelecer pontes de comunicação com países desenvolvidos e, desta forma, conceber programas de desenvolvimento e de mútua ajuda.

Em quase todas as áreas é possível estabelecer protocolos de cooperação. No domínio das pescas, Cabo Verde tem um protocolo com a IPAD (Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento) que visa o desenvolvimento de atividades no setor da pesca. As geminações Municipais são, também, forma de cooperar e têm ganho, nos últimos anos, maior importância.¹⁵

Cabo Verde viu no investimento estrangeiro a possibilidade de desenvolvimento, por isso, adotou novas políticas que permitem e facilitam estas transações. Tendo em conta as diversas áreas para investimento, são desenvolvidas e concebidas programas ajustados às necessidades de cada setor e desde a sua abertura ao exterior, Cabo Verde

¹⁴ CÂMARA DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TURISMO PORTUGAL CABO VERDE. *Vias marítimas: introdução*. Consultado no site http://www.portugalcaboverde.com/item2_detail.php?lang=1&id_channel=32&id_page=103&id=79, em 6 de setembro de 2012.

¹⁵ EMBAIXADA DE CABO VERDE EM LISBOA – *Cooperação – cooperação descentralizada*. Consultado no site http://www.embcv.pt/conteudos_gera_sub.asp?idarea=7&idsub=71, em 6 de setembro de 2012.

recebe todos os anos, propostas de implementação empresarial. Além do turismo, onde se pode verificar uma forte presença de investidores estrangeiros, principalmente nas ilhas de Sal, Boavista e Maio, também no setor industrial se pode constatar, recentemente, uma certa evolução nomeadamente, na indústria do calçado (ICCO), indústria de têxteis (IMPETUS). No setor da construção civil encontram-se algumas empresas, como é o caso de: MSF; SOMAGUE; MONTEADRIANO; ARMANDO CUNHA S.A.; CIN- Tintas e vernizes que apoia a SITA- empresa nacional de tintas.¹⁶

O Turismo é, sem dúvida, o setor que mais atrai o investimento estrangeiro. A presença de uma única estação durante todo o ano (o verão) e a existência de belas praias fazem destas ilhas um destino turístico cada vez mais procurado. Além do turismo balnear são também exploradas, recentemente, o turismo de natureza e o turismo cultural. As características próprias de cada ilha condicionam o tipo de infraestrutura turística a construir. O turismo balnear é o mais procurado e tem maior incidência nas ilhas do Sal, Boavista e Maio, onde se pode encontrar praias com mar límpido e extensos areais. Já o turismo de natureza pode ser praticado, principalmente, no interior das ilhas de Santo Antão e Santiago por serem as ilhas com maior relevo. São Vicente é considerada a ilha mais cultural por ser a ilha que viu nascer grandes poetas e músicos Cabo-verdianos e também por realizar actividades culturais de dimensão internacional como é exemplo o Festival Internacional de Teatro – Mindelact e o festival Internacional de Música – Baía das Gatas.

Graças à sua aposta na Educação, Cabo Verde tem hoje em dia a taxa de analfabetismo mais baixa dos países Africanos.¹⁷ Este foi um dos fatores que permitiu a sua passagem de país subdesenvolvido a país de desenvolvimento médio. Contudo, estas ilhas carecem, ainda, de muita ajuda do exterior, para criar novos postos de trabalho e infraestruturas de desenvolvimento.

¹⁶ CÂMARA DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TURISMO PORTUGAL CABO VERDE. *Investimento Português: Indústria.* Consultado no site http://www.portugalcaboverde.com/item2_detail.php?lang=0&id_channel=20&id_page=160&id=216, em 6 de setembro de 2012.

¹⁷ RELATÓRIO DE PROGRESSO DE EXECUÇÃO DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÉNIO CABO VERDE. Objetivos do Desenvolvimento do Milénio, 2009. Disponível no site <http://www.un.cv/files/MDGReportCV.pdf>, p. 14.

3. Marcas de Identidade e Hibridismo Cultural

Algumas das nossas características são mais marcantes, outras nem tanto. Algumas são óbvias e visíveis, outras mais subtis. Algumas são temporárias, outras são menos. Algumas mudam várias vezes durante a vida, outras são mais estáveis. Algumas nós escolhemos, outras nós adquirimos. Algumas foram-nos impostas, dadas ao nascer ou durante a vida. Algumas são frutos das oportunidades que nos foram sendo apresentadas, ou não, durante a vida. Algumas são frutos de um estilo de vida. Algumas resultam das bagagens que adquirimos e que nos permitiram ou não realizar boas opções ao longo da nossa história pessoal ou até mesmo coletiva. Seja como for, podemos escolher, dar pesos diferentes, optando-se por nos apresentar ou auto representar com esta ou aquela característica.

O que é facto, é que assumirmo-nos de uma ou outra maneira, termos uma visão positiva ou negativa sobre a nossa própria condição, pode determinar a nossa forma de inserção na sociedade, mas, sobretudo, pode também determinar a forma como lidamos com esse lugar que nos é atribuído.

Diferentes, queremos assim continuar e não deixar que a igualdade nos descaracterize. Iguais, queremos também assim permanecer e ainda ampliar essa igualdade perante a lei, a nossa igualdade jurídica, formal, para não permitir que as nossas diferenças nos inferiorizem uns em relação aos outros, como nos lembra tão bem o professor Boaventura Sousa Santos.

Somos e queremos ser diferentes, do jeito que nascemos ou do jeito que nos tornamos ou nos tornaram, sem que isso implique discriminações negativas que nos façam prisioneiros de lugares sociais determinados por aqueles que estão em posição privilegiada por se acharem superiores. E esses... que se acham superiores têm uma visão tão distorcida de si próprios como aqueles que acabam por interiorizar a imagem de inferiores de tanto assim serem tratados.

O termo cultura pode ser interpretado de diferentes formas, mas aquele que pretende ser sublinhado neste trabalho, remete-nos para uma que consideramos mais completa, e que comporta em si múltiplos aspetos, a diversidade concreta.

Por um lado temos a diversidade cultural subjetiva¹⁸. Cada pessoa vive a sua cultura de forma diferente e leva consigo a sua visão particular, as suas vivências e as suas experiências. Com isso queremos dizer que cada uma e cada um de nos tem uma visão diferente da nossa própria cultural, inclusivamente dentro da comunidade ou grupo a que pertencemos.

Por outro lado, temos a diversidade cultural concreta¹⁹. Falamos então do fenómeno de multiculturalidade, que nos coloca perante a realidade da multiplicidade cultural que caracteriza as sociedades em que vivemos.

Cada realidade cultural é um caleidoscópio que encerra uma grande diversidade de opções. Em cada sociedade existem grupos e subgrupos que vivem a cultura de forma peculiar e diferente.

Devemos recordar que não estamos circunscritos a uma “única” cultura. Na medida em que estamos em contacto com diversos grupos e situações diferentes.

Resumindo, acontece que por um lado todas as culturas locais, que permitiam e facilitavam as afirmações de grupo, estão em contínua transformação através da incorporação de elementos em circulação à escala planetária; por outro lado, cada pequeno grupo ou cada indivíduo, numa escala micro-sociológica, assimila, à sua maneira, os sentidos culturais em circulação.

E onde fica a nossa identidade? É-se europeu e ibérico e português (na ordem crescente do elemento comum – o geográfico). Neste exemplo, o elemento geográfico é o cimento agregador dos membros de uma da comunidade.

É interessante refletir o que Tyrwell, um africano que deu um testemunho para um livro que foi editado em Espanha sobre imigração:

*“Sinto-me espanhol e africano, argentino... britânico... sou o resultado de todas as culturas que vivi... no meu caso não é uma cultura puramente africana. Tive muitas misturas de culturas. Nas perdi as minhas raízes do Zimbabwe mas em mim integro uma fusão de todas as culturas. É que não é a cultura, mas sim o que vais aprendendo dela. São as experiências, são os valores pelos quais vais optando... O que é ser africano? O que é ser espanhol? Quando estou em Espanha sinto-me de Espanha, mas quando vou a África faço parte dali. Ser imigrante é um papel... uma ideia... É algo abstrato. Eu sou o mesmo em todos os sítios e aprendo de todos. Pertencemos ao lugar onde está a nossa vida a cada instante.”*²⁰

¹⁸ MARTÍNEZ, Ten & POZO, Serra - *Formación en educación intercultural para asociaciones juveniles*. Madrid: CJE Consejo de la Juventud de España, 2004.

¹⁹ Idem.

²⁰ MARTÍNEZ, Ten & POZO, Serra - *Formación en educación intercultural para asociaciones juveniles*. Madrid: CJE Consejo de la Juventud de España, 2004.

Com esse testemunho, lembramo-nos da expressão, que não deixa de ser particularmente significativa, do primeiro astronauta a sobrevoar a terra: *“Daqui não se veem fronteiras!”*

A cultura das fronteiras é uma construção do homem. Mais do que a delimitação do espaço físico ou geográfico, o homem instituiu a sua “imagem de marca” ao construir o seu espaço antropológico.

Espaço que se foi constituindo na dependência não só da técnica, mas especialmente dos afetos, da linguagem, da cultura, das convecções, dos sentidos e das representações.

Em suma, uma pessoa tem identificações variadas, articula com diferentes grupos e movimentos sociais, interage nestes diferentes espaços com as diferentes ideias, interesses, crenças e valores ali presentes. Tudo isso, sem querer perder a identidade marcada por uma pluralidade de experiências, vivências, condições, origens, perspectivas, olhares... que só a torna mais rica.

Viver a dimensão intercultural dependerá em grande medida da atitude que, quer as pessoas imigrantes, quer as pessoas do país de destino, adotem na sociedade.

“Os indivíduos é que vão decidir qual das formas de relação querem, e se o querem fazer mais ou menos fortemente, de afiliar-se a uma ou mais comunidades, promovendo identidades múltiplas, enfatizando o carácter dinâmico e mutante de muitos grupos que respondem ao potencial para criar novas combinações culturais.”²¹

O assumir na prática de uma interculturalidade, não é sinónimo de uma perda de identidade, mas antes de um enriquecimento da mesma que advém de considerar posições e vivências alheias, de saber dar e receber, de exprimir e escutar opiniões.

Do que foi referido, entende-se que as contingências de cada meio, a ideia de pertença (de relação com os outros), o ser social (que pensa e age num processo dinâmico), definem o hibridismo cultural isto é, são condições essenciais para desenvolver uma mescla cultural numa pessoa, ou país²². Sob essa perspectiva, o desenvolvimento requer uma abordagem multidisciplinar, intercultural e regional.

Do ponto de vista do hibridismo cultural nota-se que desde as primeiras navegações, o homem inaugura um contínuo e progressivo contacto com múltiplas culturas distintas.

²¹ PINHO, J. - *Multiculturalismo e Democracia, o papel das minorias*. Lisboa: Centro de Estudos Multiculturais, 2001.

²² HALL, Stuart, 1998 - *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A; p.65.

De forma simplista, pode dizer-se que a natureza exploradora e a necessidade comunicacional humana vinculam de certo modo os homens numa mesma trama dialógica que constitui o tecido ao qual damos os nomes de história e cultura.

As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade²³.

O hibridismo cultural é um conceito interessante, de resto, se nos debruçarmos sobre a sua origem, não encontramos registos de uma cultura realmente “limpa”, sem influência de qualquer outra. É esta característica do hibridismo cultural que nos liberta dos preconceitos e nos aproxima, mostrando-nos que realmente somos iguais nas diferenças. E sempre que conhecemos uma pessoa, a sua formação cultural já foi influenciada por outras culturas, e assim sucessivamente.

Porque, afinal, a fronteira não é só de terra é também de pessoas, e as pessoas não ficam só na fronteira territorial, as pessoas estão em todo lugar espalhando cultura, aumentando e diminuindo a fronteira, fazendo mostrar que a fronteira não fica ali, só, paradinha esperando, mas que na verdade, ela se move porque cada vez que uma pessoa que tem orgulho da sua cultura, e mesmo que não tenha, se move, essa pessoa leva consigo um pouquinho do seu chão, da sua terra da sua cultura da sua fronteira e como uma semente. Essa pessoa insemina o solo fazendo nascer mais e mais hibridismo cultural.

A identidade de Cabo Verde reflete todo este hibridismo que até aqui temos abordado. A cultura de Cabo Verde é uma mistura da cultura africana com a cultura europeia.²⁴ Cabo Verde tem sobretudo um vasto espectro de músicas, que refletem as diversas origens do seu povo.

A *Morna* é um dos mais conhecidos estilos musicais de Cabo Verde. É uma fusão do fado português, com a modinha do Brasil e o tango argentino, bem como com os cantares típicos de Angola. O *Zouk* também é um estilo musical muito comum em Cabo Verde, tratando-se de um ritmo musical afro-caribenho, que nasceu nas Antilhas

²³MELO, Alexandre – *Globalização Cultural*, Lisboa, Quimera, 2002.

²⁴PINA, Leão D. J. L. – *Valores e Democracia em Cabo Verde entre adesão formal e embaraço cultural*. Tese de Mestrado em Sociologia. Brasil: Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2006, p. 78.

Francesas. Há ainda a destacar o ritmo do *Funaná* que também é muito popular na Praia, capital do país.

Este são alguns exemplos de que nem o indivíduo, nem um país são totalmente fechados por fronteiras ao nível da identidade e da cultura.

Quando se abordou, no ponto “A descoberta de Cabo Verde”, o povo português, pode pensar-se que advém desde essa altura as influências dos portugueses na cultura Cabo-Verdiana. Os exemplos dados são marcas culturais híbridas que espelham toda essa troca cultural.

*“Na África subsariana emergem e desenvolvem-se novos grupos e movimentos regionais, religiosos, étnicos, linguísticos, estudos do género, de estilos de vida e movimentos pelos direitos humanos, pela paz, pelas práticas anti-nucleares e ecológicas e por políticas integradas do ambiente e do desenvolvimento. Estes movimentos constituem a afirmação de novas solidariedades sociais e a confirmação de identidades culturais sob a forma de identidades comunitárias de tipo religioso, étnico, regional ou outro”*²⁵

Deste modo, Cabo Verde é o exemplo de uma sociedade que se caracteriza, atualmente, pela coexistência, lado a lado, de uma enorme diversidade de culturas. Às tradições locais da cidade, junta-se um novo conjunto de formas culturais adicionais provenientes do estrangeiro, presenteando as pessoas com um leque estonteante de opções de escolha de estilos de vida. Estamos a assistir à fragmentação de formas culturais, e não à formação de uma cultura mundial unificada (Baudrillard, 1995). As antigas entidades e modos de vida enraizados em culturas e em comunidades locais estão a dar lugar a novas formas de identidade híbrida, compostas por elementos de diferentes origens culturais (Hall, 1992).

Assim, um habitante Cabo-Verdiano pode permanecer fortemente influenciado pelas tradições e perspetivas culturais das suas raízes tribais, mas simultaneamente adotar um gosto e estilo de vida cosmopolitas – na roupa, no lazer e nos tempos livres, etc.

²⁵ GONÇALVES, António - *A construção das identidades culturais na África Subsariana*. Atas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. As Ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa, balanços e desafios, 2002, p.151.

4. Patrimónios e Turismo Cultural

A palavra património contém dois vocábulos: "*pater*" e "*nomos*", sendo que "*pater*" significa, etimologicamente, o chefe de família e, num sentido mais amplo, os nossos antepassados²⁶. Vincula-se, portanto, aos bens, ou heranças por eles deixados e podem ser de ordem material ou imaterial. "*Nomos*" significa, em grego, lei, usos e costumes relacionados à origem, tanto de uma família quanto de uma cidade²⁷. Portanto, o património está ligado ao contacto permanente com as origens que fundaram uma sociedade e à ética de uma determinada comunidade.

O termo Património Cultural relaciona-se com a cultura e a memória de um povo, sendo os principais fatores a sua coesão e identidade. Assim sendo o Conselho da Europa adotou em 2005 a Convenção-Quadro Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade, que desenvolve a ideia que o conhecimento e o uso do património fazem parte do direito dos cidadãos de participar na vida cultural, como definido na Declaração Universal dos Direitos Humanos.²⁸ O património é apresentado como meio para alcançar o desenvolvimento humano, promover a diversidade cultural e estimular o diálogo intercultural, constituindo parte integrante do modelo de desenvolvimento económico baseado nos princípios da utilização sustentável dos recursos²⁹.

Deste modo, o património histórico refere-se a um bem móvel, imóvel ou natural, que possua valor significativo para uma sociedade, podendo ser estético, artístico, documental, científico, social, espiritual ou ecológico.

Inicialmente, a categoria do património que mereceu a atenção foi a que se relaciona mais diretamente com a vida de todos, o património histórico representado pelas edificações e objetos de arte. Paulatinamente ocorre a passagem da noção de património histórico para a de património cultural, de tal modo que uma visão inicial reducionista que enfatizava a noção do património nos aspetos históricos consagrados

²⁶ Informação disponível no site en.wikipedia.org, a 25 de junho de 2012.

¹³ Informação disponível no site en.wikipedia.org, a 25 de junho de 2012.

²⁸ DIÁRIO DA REPÚBLICA ELETRÓNICO. *Convenção quadro do conselho da europa relativa ao valor do património cultural para a sociedade*, N.º 177 — 12 de Setembro de 2008. Disponível em <http://dre.pt/pdf1s/2008/09/17700/0664006652.pdf>

²⁹ CONSELHO DA EUROPA - *Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade*, Resolução da Assembleia da República n.º 47/2008 de 12 de Setembro, Diário da República, 1.ª série, 177, 6640-6652, 2005.

THÉRON, Daniel - *Benefits and innovations of the Council of Europe Framework Convention on the Value of Cultural Heritage for Society*, in *Heritage and Beyond*. Council of Europe Publishing, 9-11, Strasbourg, 2009.

por uma historiografia oficial foi-se projetando até uma nova perspectiva mais ampla que incluiu o “cultural”, incorporando ao “histórico” as dimensões testemunhais do quotidiano e os feitos não-tangíveis.

A abrangência na abordagem do património cultural está relacionada, pois, com a retomada da própria definição antropológica da cultura como “tudo o que caracteriza uma população humana” ou como “o conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social”, ou ainda, como “todo conhecimento que uma sociedade tem de si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre sua própria existência”, inclusive as formas de expressão simbólica desse conhecimento através de ideias, da construção de objetos e das práticas rituais e artísticas³⁰.

Durante as últimas décadas, delinearam-se, no âmbito internacional, uma série de instrumentos jurídicos, convenções, declarações, resoluções e recomendações relativas à proteção do património cultural, de tal maneira que as convenções e recomendações aprovadas pela UNESCO vêm a enriquecer o Direito Internacional da cultura e os direitos internos com a elaboração de leis próprias no sentido dado pela UNESCO.

Sendo a noção de património cultural vaga e imprecisa para chegar a ser efetiva e operativa, inúmeras discussões teóricas foram conduzidas no âmbito internacional e somente em 1982 a UNESCO conseguiu chegar a um acordo sobre a necessidade de uma definição mais abrangente para a cultura, que passa desde então a ser referência:

“Conjunto de características distintas, espirituais e materiais, intelectuais e afetivas, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social (...) engloba, além das artes e letras, os modos de viver, os direitos fundamentais dos seres humanos, os sistemas de valor, as tradições e as crenças.”³¹

Relativamente ao património tangível pode dizer-se que é constituído por bens móveis, e nele se incluem pinturas, esculturas e artesanato, e bens imóveis como castelos, igrejas, casas, praças, conjuntos urbanos, e ainda locais dotados de expressivo valor para a história, a arqueologia, a paleontologia e a ciência em geral.

Mas, considerando-se o património cultural o conjunto de todos os bens, materiais ou imateriais, que, pelo seu valor próprio, devam ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade da cultura de um povo também fazem parte

³⁰ SANTOS, Cecília Rodríguez - *Novas Fronteiras e Novos Pactos para o Patrimônio Cultural*. São Paulo em Perspetiva. São Paulo, 2001.

³¹ GAMARRA, Yolanda - *La Cooperación Internacional en su Dimensión Cultural y el Progreso Del Derecho Internacional*. MÆE. Madrid, 1998, p.71.

dele o património intangível, ao qual pertencem bens imateriais, dos quais se considera a literatura, a música, o folclore, a linguagem e os costumes.

Fazer referência a um património cultural intangível suscita diversas questões:

*O que significa uma “obra-prima do património imaterial da humanidade”? Quais os critérios de classificação e seleção de um “bem intangível”? Quem pode, deve ou quer reclamar autoridade para designar qual o “património imaterial” a preservar e a valorizar?*³²

*Qual a natureza e o significado dos instrumentos jurídicos e conceptuais que a UNESCO consubstanciou na Convenção de 2003?*³³

No decurso da Conferência Geral da UNESCO em 1997 decidiu-se que deveria ser dada máxima prioridade ao programa do Património Cultural Imaterial. Um ano mais tarde, o Conselho Executivo aprovou o regulamento do programa Proclamação das Obras-primas do Património Oral e Imaterial da Humanidade que visava sensibilizar para importância do património oral e imaterial e da sua salvaguarda, avaliar e identificar o património oral e imaterial, incentivar os países a estabelecerem inventários nacionais e a adotar medidas administrativas para a proteção do seu património oral e intangível e ainda promover a participação de artistas e executantes locais na identificação e revitalização do património cultural imaterial.³⁴

Deste modo, as entidades que procedem à identificação e classificação de certos bens como relevantes para a cultura de um povo, de uma região ou mesmo de toda a humanidade, visam também a salvaguarda e a proteção desses bens, para que cheguem devidamente preservados às gerações vindouras, e que possam ser objeto de estudo e fonte de experiências emocionais para todos aqueles que os visitem ou deles usufruam.

Em Cabo Verde considera-se que existe um património cultural vasto que capta o interesse turístico pelos mais diversos motivos. Relativamente ao património tangível, este país tem sítios históricos e naturais tal como a Ribeira Grande de Santiago (a

³² RAMOS, Manuel João - *Breve nota crítica sobre a introdução da expressão “património intangível” em Portugal*, in Vítor Oliveira Jorge (coord.), *Conservar para Quê?* Porto/Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade do Porto et al., 2005, p.72.

³³ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) promoveu em 1972 um tratado internacional denominado Convenção sobre a proteção do património mundial, cultural e natural visando promover a identificação, a proteção e a preservação do património cultural e natural de todo o mundo, considerado especialmente valioso para a humanidade. Como complemento desse tratado foi aprovada em 2003 uma nova convenção, desta vez especificamente sobre o património cultural imaterial.

³⁴ UNESCO - *Masterpieces of the Oral and Intangible Heritage of Humanity, Proclamations 2001, 2003 and 2005*. UNESCO. France, 2006c.

Cidade Velha) considerada Património da Humanidade em 2009³⁵; em Santo Antão pode referir-se o Planalto Leste, candidata a Património Mundial pela UNESCO, para além de alguns pontos de interesse como o Farol de Boi (Farol Fontes Pereira de Melo), localizado em Pontinha de Janela, um dos maiores e mais antigos do arquipélago, inaugurado em 1886.³⁶

Existem, também, centro histórico como a Cidade de São Filipe na Ilha do Fogo e Ribeira Grande de Santiago e sítios arqueológicos na Cidade de Ribeira Grande de Santiago.

Na Cidade da Praia podemos visitar a Igreja de N^a Sr.^a da Graça, no Plateau; a Fortaleza Real de São Filipe na cidade de Ribeira Grande de Santiago e o Museu Etnográfico da Praia.

Relativamente a lugares de acontecimentos como: batalhas, revoluções, etc., o Ribeirão Manuel, é palco da “Revolta de Ribeirão Manuel”.

Como se abordou no ponto anterior (Marcas de Identidade – Hibridismo Cultural), o artesanato Cabo-Verdiano reflete, naturalmente, o quotidiano da população, não só através dos materiais que usa como também dos temas que trata. A cestaria em caniço, a tecelagem em algodão e a tapeçaria são áreas expressivas privilegiadas pelos artesãos locais. Também o barro vermelho, retratando o homem/tipo Cabo-Verdiano, merece menção especial. Finalmente, os trabalhos com casca de coco, o *batuk*, a bijutaria com conchas e as bonecas de trapos dão testemunho da criatividade dos artistas do arquipélago. O trabalho criativo dos artesãos populares de Cabo Verde tem sido merecidamente apoiado pelo Museu de Arte Tradicional, sediado no Mindelo, e cuja função consiste em investigar, formar, produzir, comercializar e divulgar as diversas expressões do artesanato Cabo-Verdiano.

Quanto à gastronomia, a grande referência da tradição gastronómica Cabo-Verdiana está na cachupa, passando também pela qualidade e diversidade de peixes e mariscos existentes nas Ilhas, que fazem as delícias dos visitantes e os queijos e os doces também se inscrevem na tradição culinária do país.

³⁵ UNESCO - *Cidade Velha becomes Cape Verde's first World Heritage site*. Disponível no site <http://whc.unesco.org/en/news/527>, em 6 de setembro de 2012.

³⁶ RODRIGUES, Sandra; OLIVEIRA, Shênia - *Turismo, Patrimônio e Desenvolvimento em Cabo Verde*. NetSaberArtigos, n.º 10149. Disponível no site http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_10149/artigo_sobre_turismo,_patrimonio_e_desenvolvimen to_em_cabo_verde

A refeição não fica completa sem um bom vinho do Fogo, ou o típico grogue, uma bebida alcoólica feita à base de fermentação da cana-de-açúcar, rematando, no final, com o famoso e delicioso café da ilha do Fogo.

Como poderemos consultar no Guia Turístico de Cabo Verde³⁷, este povo é muito dado à folia e à alegria e os dias de festa são dignos desse nome. Uma das principais festas Cabo-Verdiana é o Carnaval. Com grandes semelhanças com o carnaval brasileiro, além dos bailes, os cortejos de rua com mascaradas, formados espontaneamente pelo povo, são o ponto alto da festa. O carnaval é festejado em todas as ilhas de Cabo Verde. No entanto, o mais exuberante, concorrido e animado é, tradicionalmente, o do Mindelo, seguido, em notoriedade, pelo de São Nicolau. Para além do carnaval, existem muitas outras festas regionais em Cabo Verde, a maioria das quais de carácter religioso, associando ao espírito devocional a descontração lúdica da festa em si mesma. Normalmente começam com a celebração de uma missa ou uma procissão realizada em honra de um santo, mas a alegria dos Cabo-Verdianos acrescenta-lhes a música e a dança, colorindo estas manifestações com um carácter festivo muito particular. No espaço dedicado a cada ilha damos conta das festas populares que lhe estão associadas. Em Cabo Verde as manifestações populares existem em grande número, refletindo o património intangível deste país através da (o):

- Festa de Santa Cruz na Ilha de Maio;
- Festa das bandeiras no Fogo;
- Festa de São João Batista na Ilha de Brava;
- Carnaval em São Vicente e São Nicolau;
- Kolá Sanjon³⁸ em São Nicolau;
- Festival de Santa Maria no Sal;
- Mindelact³⁹ em São Vicente;

³⁷ Informação consultado no Guia Turístico de Cabo Verde. Disponível no site <http://www.guiadecaboverde.cv/index.aspx?menuid=1&lang=P>.

³⁸ O *Kola San Jon* é um cruzar de culturas dos escravos africanos e dos portugueses que colonizaram as ilhas, como se pode testemunhar no cortejo, pela presença dos barcos que simbolizam as caravelas portuguesas e os barcos de pirataria que assolavam as ilhas, pelos "rosários", pelo ritmo frenético dos tambores, pela dança erótica, pelas oferendas. O cortejo é uma demonstração da criatividade e do "Djunta Mon" (juntar as mãos) desta comunidade que manteve viva esta valiosa expressão cultural, que transpôs fronteiras e que hoje é uma festa de todos nós.

Disponível a 13 de junho no site http://redeciencia.educ.fc.ul.pt/moinho/socio_cultural/KolaSanJon.htm

³⁹ É o principal evento teatral de Cabo Verde e atualmente o mais importante acontecimento teatral de toda a África Lusófona. Foi considerado em 2005, o mais importante evento teatral do continente africano. Decorre no mês de Setembro e para além da vertente de espetáculos, promove o intercâmbio entre todos os participantes, ações de formação nas mais diversas áreas artísticas ligadas ao teatro,

- Festival da Baía das Gatas em São Vicente;
- Festival da Gambôa em Santiago;
- Festival de Santa Maria no Sal;
- Festival de Batuko e Funaná em Santiago;
- Entre outros.

Uma das maiores manifestações do património de um país é a língua usada. Em Cabo Verde, a língua oficial é o português, usada nas escolas, na administração pública, na imprensa e nas publicações, tornando as ilhas membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A língua materna é o Crioulo, em que é possível encontrar variantes nas nove ilhas habitadas. O crioulo está oficialmente em processo de normalização e discute-se a sua adoção como segunda língua oficial, ao lado do português.

Assim, entende-se que melhorar o aproveitamento do património cultural de Cabo Verde, do ponto de vista turístico, passa por reforçar o estabelecimento de instrumentos contratuais com instituições e entidades da área do Turismo para a promoção de meios de financiamento relacionados com a recuperação do património enquanto recursos culturais potenciáveis em termos turísticos; constituir redes de circuitos turístico-culturais (circuitos simples, itinerários alargados, redes locais de monumentos, sistemas de comunicação integrados entre monumentos); reforçar a informação turística em paralelo com a divulgação dos recursos culturais das regiões; aumentar a ligação do património aos operadores turísticos de modo a fomentar a procura dos recursos culturais e potenciar os regimes de acolhimento nos monumentos enquanto polos de atração cultural.

concertos de música, exposições de design e artes plásticas, e, nos últimos anos, um “Festival off” alternativo e uma programação específica dirigida às crianças, denominada de “Teatrolândia”. Disponível a 13 de junho no site <http://www.mindelact.com/festmindelact.html>

Capítulo 2

1. Potencial turístico

Sensivelmente a quatro horas de voo de Portugal, o arquipélago constituído por dez ilhas (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Santiago, Fogo e Brava), sendo Santa Luzia totalmente desabitada, localiza-se a 500 milhas da costa do Senegal.

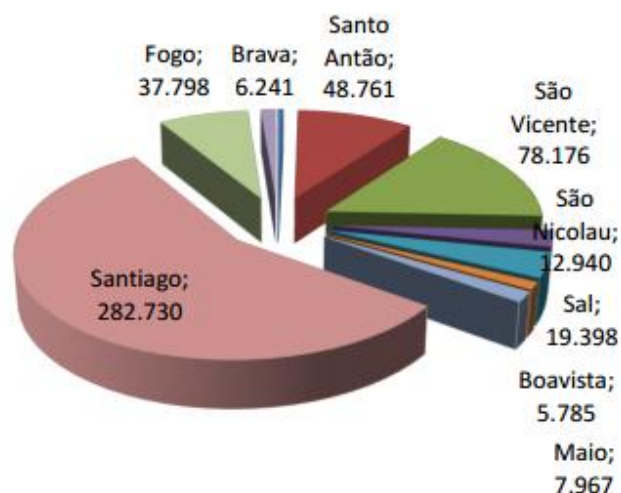
Em 2008, o número total de habitantes era de 500 mil distribuídos, principalmente, pelas ilhas de Santiago (282,7 mil), São Vicente (78,1 mil) que constituem os principais centros urbanos. (dados do INE-CV)

A temperatura anual de 25°C, o clima subtropical seco e a origem vulcânica das ilhas são características que lhe conferem uma diversidade de paisagens com vales profundos, extensas praias, zonas planas e áridas, pequenos centros urbanos, vilas pacatas e demais paisagens rurais. Esta diversidade, distribuída um pouco por todas as ilhas, juntamente com as vivências culturais, constituem o essencial da oferta turística do País.

Segundo dados da United Nations Development Programme (UNDP)⁴⁰, a estrutura da população Cabo-Verdiana é marcada pela juventude (em 2008, 24% da população tinha menos de 15 anos e 59% tinha de 15 a 64 anos) e por agregados familiares numerosos (em média, 4,9 pessoas por família). O país regista igualmente um dos mais elevados indicadores de desenvolvimento social da África Sub-sahariana (IDHS de 0,705 em 2008), com 83% da população acima de 15 anos alfabetizada e esperança de vida de 71,3 anos. Os cabo verdianos da diáspora superam o número de habitantes da terra natal, cifrando-se em mais de 600 mil indivíduos. O grau de educação tem melhorado a um ritmo apreciável; 88% das crianças frequentam a escola primária (dos 6 aos 14 anos) e 78% frequentam o ensino secundário (dos 12 aos 17 anos). A taxa de analfabetismo ronda os 21,3%.

⁴⁰ Informação disponível no site da United Nations Development Programme, www.undp.org, a 4 de junho de 2012.

Gráfico 2 - Distribuição da população Cabo-Verdiana pelas ilhas.



Fonte: Cabo Verde - *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013*

Por outro lado, o cruzamento entre negros e brancos verificado desde o início da povoação do arquipélago, originou um novo tipo humano com forte identidade cultural. O processo de formação social Cabo-Verdiana operou-se mais por uma africanização do europeu do que por uma europeização do africano. Hoje cerca de 70% da população é mestiça, 28% negra e 2% branca.

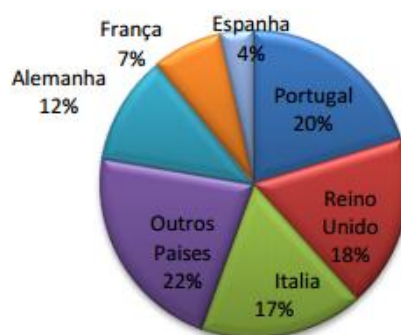
Cabo Verde é também um país praticamente isento de doenças tropicais endémicas e como tal, não é obrigatório tomar precauções médicas nem vacinação para entrar no país.

2. Principais mercados emissores

Dados do Instituto Nacional de Estatística revelam que a Europa é o principal emissor de visitantes ao País. Sendo os principais: Portugal, Reino Unido, Itália, Alemanha e França.

Os turistas portugueses preferem as ilhas de São Vicente, Santiago e Sal, cerca de 98%; Já os italianos gostam mais das ilhas do Sal e Boavista, aproximadamente 94%.

Gráfico 3 - Países originários dos turistas que visitam Cabo-Verde (%).



Fonte: Cabo Verde - *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013*

3. Impacto na economia

A tabela seguinte, do Banco de Cabo Verde, apresenta-nos os números do sector do turismo entre os anos de 2006-2008.

Constata-se, assim, que o turismo, e as receitas daí provenientes, tem uma participação de 19,4% do produto interno bruto. O confirma a relevância do turismo como motor de desenvolvimento do País.

Tabela 1 - Evolução dos principais indicadores do turismo.

	2006	2007	2008
Hóspedes (apenas estrangeiros)	241.742	267.188	285.141
Dormidas (apenas estrangeiros)	1.261.497	1.307.558	1.711.875
Receitas de Turismo* (milhões CVE)	17.495,4	23.495,5	25.334,4
Receitas do Turismo em % PIB	16,8%	20,4%	19,4%
Participação nos Serviços**	52,2%	59,7%	60,8%

Fonte: Banco de Cabo Verde

* Crédito de viagens de turismo, Balança de Pagamentos

** Crédito viagens de turismo/crédito total dos serviços

Fonte: Cabo Verde - *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013*

O País tem crescido gradualmente com a entrada de divisas dos turistas estrangeiros e das remessas dos emigrantes. Segundo o BCV este crescimento foi de 25,3% milhões de contos em 2008, como ilustra a tabela em cima.

O investimento direto no sector do turismo também é outro vetor que contribui para o desenvolvimento desta área.

Observando agora a tabela 2, em baixo, constatamos que o valor do Investimento Estrangeiro Directo (IDE) é de 80,5%. A tabela mostra-nos, ainda, que as ilhas preferidas para esta aplicação são as ilhas de Sal, São Vicente e Boavista.

Tabela 2 - IDE em Cabo Verde - principais setores e ilhas de destino (em %)

	2006	2007	2008
Investimento Externo por Sectores de Actividade			
Turismo e Serviços Imobiliários	91,84	78,81	80,56
Indústria Transformadora	1,60	0,01	0,01
Outros	6,56	21,18	19,43
Distribuição do Investimento Externo por Ilhas			
Santiago	29,5	12,8	2,3
S.Vicente	36,6	0,2	27,5
Sal	31,9	57,3	32,0
Boavista	2,1	29,5	38,2
Outros	0,0	0,1	0,0

Fonte: Inquéritos, cálculos do BCV; Cabo Verde Investimentos

Fonte: Cabo Verde - *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013*

Contudo, mesmo com todo este investimento, Cabo Verde carece de maiores e melhores infraestruturas que potenciam o desenvolvimento deste sector. A par deste crescimento, ilustrado nas tabelas anteriores, a mão-de-obra qualificada é outro constrangimento que ainda não foi superado. Por isso, não se nota, ainda, a criação de emprego directo nesta área.

4. Caracterização das ilhas

4.1. Santo Antão – simplicidade e “morabeza”

Esta ilha tem uma superfície de 779km², distingue-se pelas suas opulentas montanhas, vales verdejantes e simplicidade da sua gente.⁴¹

Porto Novo é o centro administrativo e um dos três concelhos da ilha. Sendo os outros dois concelhos Ribeira Grande e Paúl. A sua população, estimada em 48,1 mil habitantes, dedica-se essencialmente a agricultura, pecuária e pesca.

Sendo uma ilha montanhosa, Santo Antão, revela grande potencialidade para o desenvolvimento do turismo rural e de montanha. Pois, a beleza das suas paisagens e vales profundos são um convite para os amantes de caminhadas. Conscientes deste potencial as entidades locais criaram áreas protegidas como os parques naturais de “Cova” Ribeira da Torre”, “Paúl”, “Marroços” e “Tope de Coroa” e ainda a reserva natural de “Cruzinha”

Contudo, a ligação com as outras ilhas é uma dificuldade não superada. Dificultando a circulação de pessoas e consequentemente o desenvolvimento da actividade turística.⁴²

4.2. São Vicente – capital cultural

Recentemente elevada a capital Cultural do País, Mindelo, alberga o maior porto do arquipélago.

Famosa pela sua Baía do Porto Grande, que no século XIX foi um importante entreposto carvoeiro, a ilha transborda cultura uma vez que é “dona” do maior carnaval do país e ainda do Festival de música da Baía da Gatas e do Festival de teatro Mindelact, ambos realizados anualmente.

Estes e outros factores fazem com que o turismo cultural seja o mais potencializado. Contudo, não sendo o Turismo de natureza o seu forte, pode-se

⁴¹ *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013.* Ministério de Economia, crescimento e competitividade – Direção Geral do Turismo, p. 30.

⁴² *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013.* Ministério de Economia, crescimento e competitividade – Direção Geral do Turismo, p. 31.

encontrar na ilha o parque natural de Monte Verde- o ponto mais alto da ilha- com 800hectares.⁴³

4.3. Santa Luzia – habitat natural

A natureza em estado selvagem é a única oferta turística desta ilha, uma vez que é totalmente desabitada.

Com o intuito de proteger espécies raras nela existente foi, em 1990, elevada a Reserva Natural, tornando-se o Habitat natural da fauna, sobretudo marinha.⁴⁴

4.4. São Nicolau – “berço da intelectualidade”

O seminário São José, construído em 1866, foi o primeiro liceu do país. Daí ser, frequentemente, atribuída a esta ilha a denominação de “berço da intelectualidade Cabo-verdeana”.

Na Vila da Ribeira Brava e no Tarrafal é onde se concentra a população, estimada em 12.900 habitantes. As suas ruas estreitas constituem um atractivo turístico.

Existe, também, nesta ilha o parque natural de Monte Gordo e a reserva natural de Alto do Monte das Cabaças. Constituindo, ambas, pela beleza dos vales um apelo a prática do turismo de natureza.⁴⁵

4.5. Sal – excelência do turismo balnear

Com a construção, nesta ilha, do primeiro aeroporto do país- aeroporto Amílcar Cabral- Cabo Verde começou a dar os primeiros passos como destino turístico.

Sendo pioneira na construção de infraestruturas turísticas, Sal conta com mais de 50% dos turistas que visitam, todos os anos, o arquipélago. A ilha possui as melhores condições para prática do turismo balnear e prática de desporto náuticos.

⁴³ *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013*. Ministério de Economia, crescimento e competitividade – Direção Geral do Turismo, p. 32.

⁴⁴ *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013*. Ministério de Economia, crescimento e competitividade – Direção Geral do Turismo, p. 34.

⁴⁵ RODRIGUES, Sandra; OLIVEIRA, Shênia - *Turismo, Patrimônio e Desenvolvimento em Cabo Verde*. NetSaberArtigos, n.º 10149. Disponível no site http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_10419/artigo_sobre_turismo_patrimonio_e_desenvolvimento_em_cabo_verde

A população é de aproximadamente 19.000 habitantes distribuída, principalmente, entre Espargos e Santa Maria.⁴⁶

4.6. Boavista – morna e tradição

Com uma forte tradição da morna, música eternizada pela Cesária Évora, A ilha da Boavista conta com uma população de 5.785 habitantes aproximadamente.

Igualmente a ilha do Sal, Boavista possui uma orografia plana, com tamareiras e extensas praias de areia branca. Como é exemplo a praia de Santa Mónica. Estas características permitem o desenvolvimento do Turismo Balnear e a Prática de desportos náuticos. A par disto, nesta ilha encontram-se 14 das 47 áreas protegidas de Cabo Verde.

Em 2007, com a abertura do aeroporto internacional, o fluxo de visitantes aumentou, impulsionando o Turismo nesta ilha.⁴⁷

4.7. Maio – ilha das dunas

Com um grande potencial para o turismo balnear, na ilha do Maio encontram-se paraís de águas quentes e cristalinas. Conhecida, também, pela sua tranquilidade devido ao reduzido número de habitantes, cerca de 7.900, Maio possui uma das maiores salinas do arquipélago. Sendo uma mais valia para possível desenvolvimento do turismo de saúde, direccionando as suas salinas para práticas terapêuticas.

Contudo, todo este potencial revela-se sub-aproveitado pelas entidades locais devido a insuficiência de infraestruturas turísticas e as dificuldades de ligação com ilhas.

4.8. Santiago – Capital do país

Com uma superfície de 991km² esta é a maior ilha do arquipélago e onde se situa a cidade da Praia, capital e centro político e administrativo do país.

⁴⁶ *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013.* Ministério de Economia, crescimento e competitividade – Direção Geral do Turismo, p. 37.

⁴⁷ *Plano estratégico para desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, 2010-2013.* Ministério de Economia, crescimento e competitividade – Direção Geral do Turismo, p. 38.

Por ter sido a primeira a ser povoada, a ilha de Santiago traz consigo uma enorme riqueza Histórica e cultural. Nela se encontram monumentos como a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Fortaleza de São Felipe, o Pelourinho, o antigo convento de São Francisco, as ruínas da Sé Catedral. Em 2009 a Cidade Velha foi considerada Património da Humanidade pela UNESCO. Tornando-se no símbolo cultural mais importante do país.

A par do Turismo Cultural, Santiago oferece também condições para o Turismo de natureza. Mais propriamente nos Parques de Serra Malagueta e Pico de António ou o Jardim botânico de São Jorge.

4.9. Fogo – ilha vulcânica

Em São Filipe, centro urbano da ilha do Fogo, destacamos a existência dos sobrados, com uma arquitectura singular e estilo colonial muito apreciado pelos visitantes.

Com o único Vulcão ainda em actividade e sendo este o ponto mais alto de Cabo Verde, a ilha do Fogo detêm uma orografia única que tem como centro a cratera do Vulcão, com 8km de diâmetro.

Em virtude das erupções vulcânicas o seu subsolo é rico, proporcionando um clima favorável a produção de vinhos. Sendo o Vulcão o maior atractivo desta ilha, salientamos a existência de uma área protegida em Chã da Caldeiras (zona onde se encontra o vulcão) e consequentemente condições para o ecoturismo, turismo de natureza e turismo gastronómico.

4.10. Brava – “ilha das Flores”

Brava é a última ilha a sul do arquipélago. Ganhou esta denominação, “ilha das flores”, devido a beleza natural das suas paisagens.

O potencial turístico desta ilha tende, essencialmente, para o turismo de natureza e o turismo cultural. Pois, é a ilha que viu nascer Eugénio Tavares (considerado o maior compositor de mornas de Cabo Verde). Daí a sua forte tradição musical.

Mais uma vez a deficiente ligação com as outras ilhas impõem-se como o maior constrangimento no desenvolvimento da actividade turística. No caso de Brava não existe aeroporto pelo que a circulação de pessoas faz-se via marítima.

5. Estatística do ano 2011

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, A ilha do Sal destaca-se como a mais procurada, tendo , no ano de 2011, registado 37,7% das entradas nos Hotéis. É de realçar, também, que os turistas ingleses foram os que mais visitaram o País. Registrando um total de 27,5%, no mesmo ano.

Quanto ao tipo de estabelecimento escolhido, os Hotéis aparecem em primeiro lugar com 84,0%. A seguir as pensões e residências com 5,5% e 4,9% respectivamente.

Em 2011 os valores estatístico do sector do turismo, nomeadamente as dormidas, revelam um acentuado crescimento. Este crescimento deve-se a forte procura do destino Cabo Verde. Os gráficos, que à seguir são apresentados, certificam o gradual crescimento deste sector.

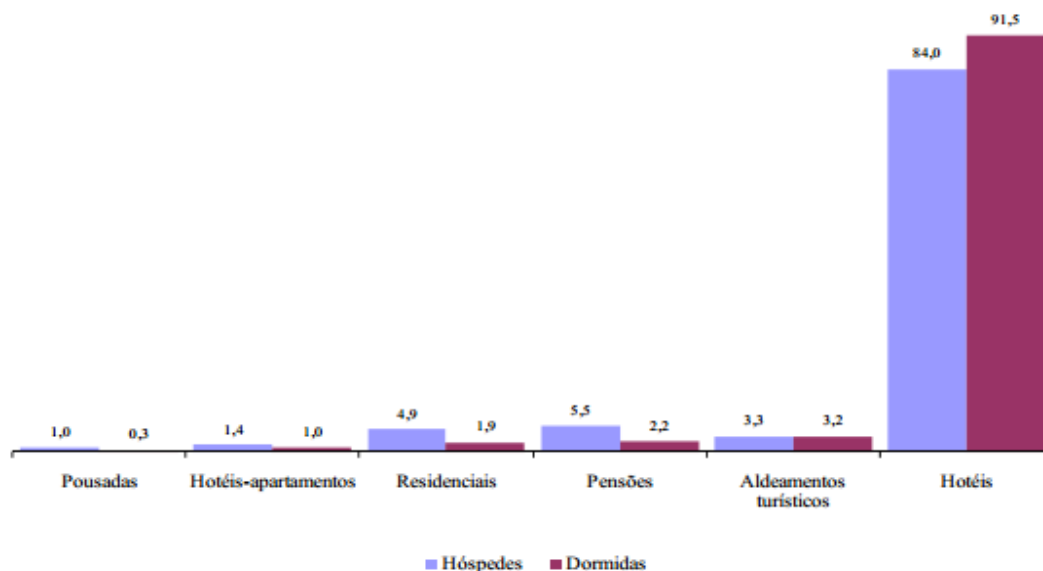
	2010			2011			Evolução (%)		
	1º Trim	2º Trim	Acumulado	1º Trim	2º Trim	Acumulado	1º Trim	2º Trim	Acumulado
Hóspedes	92.265	79.486	171.751	111.105	107.937	219.042	20,4	35,8	27,5
Dormidas	555.679	500.114	1.055.793	663.364	580.091	1.243.455	19,4	16,0	17,8
Estadia Média	5,6	6,0	5,9	5,7	5,2	5,5	1,8	+13,3	+6,8
Taxa de Ocupação Cama (%)	48	43	45	60	51	55	12	8	10
Fonte: INE_CV									

Quadro 1 - Evolução dos Hóspedes e das Dormidas segundo trimestres homólogos 2010/2011.

Fonte: *Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde*

Perto de 47.291 turistas deram entrada nos estabelecimentos hoteleiros. Sendo as dormidas de 1.243.455. Estes números mostram um aumento de 17,8%.

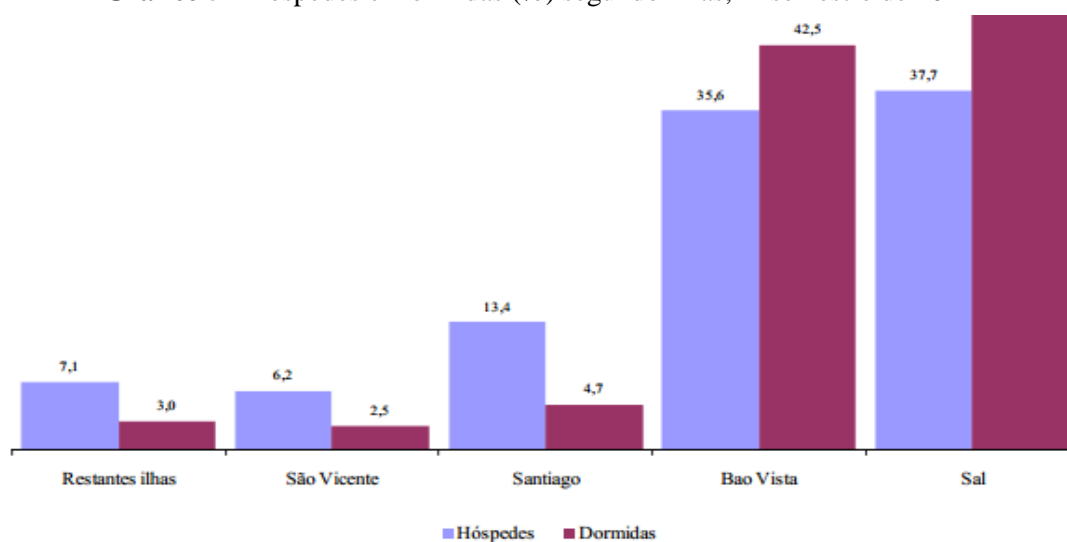
Gráfico 4 - Hóspedes e Dormidas (%) segundo tipo de estabelecimentos, 1º semestre de 2011



Fonte: *Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde*

Sal, como anteriormente foi descrito, representa a excelência do turismo balnear e foi, durante muito tempo, a detentora do único aeroporto Internacional do País. Daí continuar a ser a ilha que recebe mais turistas. Seguidamente aparece Boavista em virtude da recente construção do aeroporto Internacional. Com 13,4% Santiago vem em terceiro lugar no que diz respeito a entrada de turistas, como mostra o gráfico seguinte:

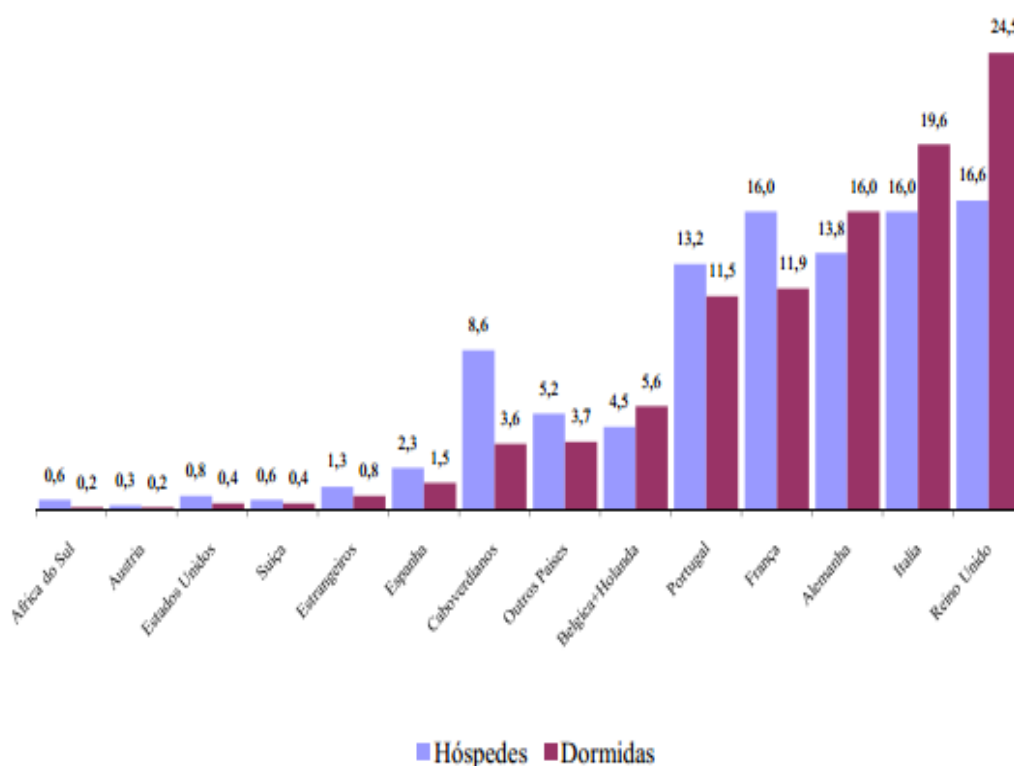
Gráfico 5 - Hóspedes e Dormidas (%) segundo Ilhas, 1º semestre de 2011



Fonte: *Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde*.

Olhando agora para o país de residência dos visitantes, ilustrada no gráfico a seguir, observamos no topo a Inglaterra seguido de França, Itália, Alemanha e Portugal. Os Cabo-verdianos também contam nesta lista e representam 9,9% das visitas. O mesmo se verifica em relação as dormidas.

Gráfico 6 - Hóspedes e Dormidas (%) por país de residência dos hóspedes, 1º semestre 2011

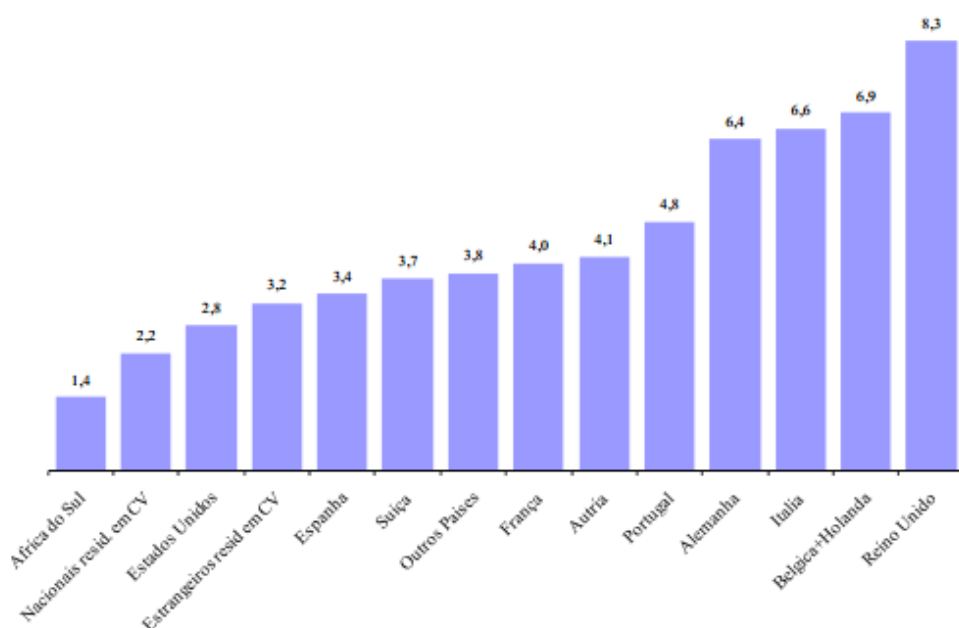


Fonte: Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde

O Gráfico 6 representa a evolução dos dados referentes a estadia e o modelo de estabelecimento escolhido tendo em conta a naturalidade dos turistas.

Sem surpresa os Hotéis continuam no topo como forma de alojamento. E a Ilha do Sal também domina a preferência dos turistas.

Gráfico 7 - Estadia média (noites) segundo o tipo dos Estabelecimentos, por país de residência



Fonte: Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde

Os Aldeamentos turísticos receberam, em 2011, 33% dos turistas. Mas, os Hotéis lideram com uma percentagem total de ocupação de 66%. Quanto as ilhas, Sal e Boavista são as preferidas tendo obtido 64% e 76% respetivamente de taxa de ocupação.

A seguir apresentamos os dados estatísticos referentes ao último trimestre do ano 2011.

Assim sendo, observamos que o número de hóspedes foi de 113.234 e as dormidas alcançaram o valor de 758.955. Ou seja, os hotéis receberam cerca 15.695 turistas (85,8%) o que confere 105.358 dormidas (93%).

Durante este período Boavista consta como líder quanto a escolha da ilha de acolhimento (41,4%). Sal ficou em segundo com 33,8%.

Os visitantes locais contribuem com 10,7% de hóspedes e 4,2% de dormidas.

Reino Unido continua como principal emissor de turista, contabilizando 20,6% dos visitantes. Seguido de Portugal, Itália e França com 19,3%, 11,7% e 9,6% respectivamente.

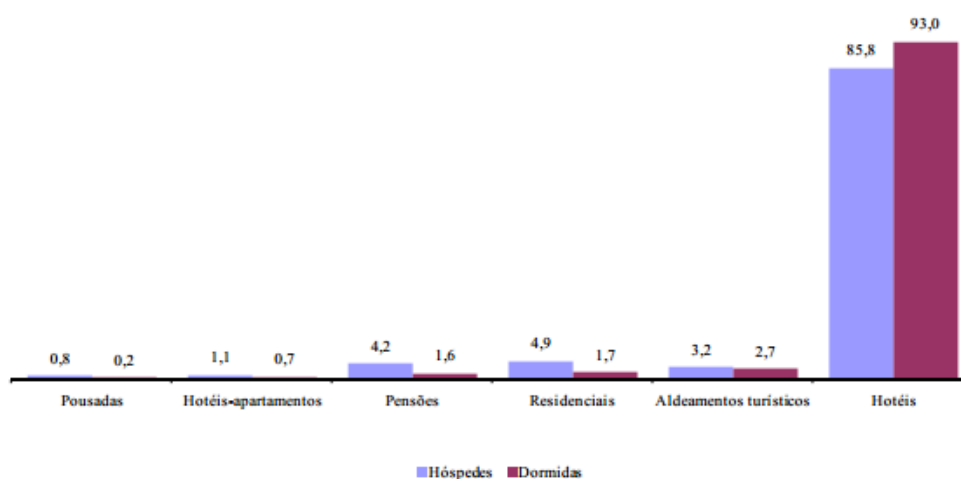
Ainda, de acordo com os valores da INE-CV, a taxa total de ocupação por cama foi de 59%. Os hotéis são a forma de alojamento preferencial (69%). E as ilhas mais escolhidas para estadia são: Sal (59%) e Boavista (85%).

Quadro 2 - Evolução dos hóspedes e das dormidas, segundo trimestres homólogos, 2010/2011

	3º Trimestre 2010	3º Trimestre 2011	Evolução (%)
Hóspedes	97.539	113.234	16,1
Dormidas	653.597	758.955	16,1
Estadia Media	6	7	1,6
Tx. Ocupação_Cama (%)	53	59	6,0 p.p.

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Gráfico 8 - Hóspedes e Dormidas (%) segundo tipo de estabelecimentos, 3º trimestre de 2011.



[Fonte: Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde]

Gráfico 9 - Hóspedes e Dormidas (%) segundo Ilhas, 3º trimestre de 2011.

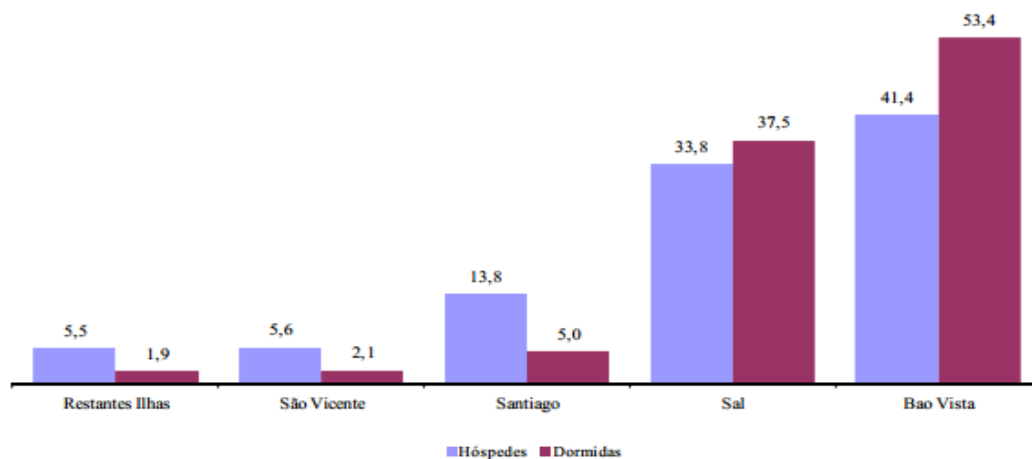
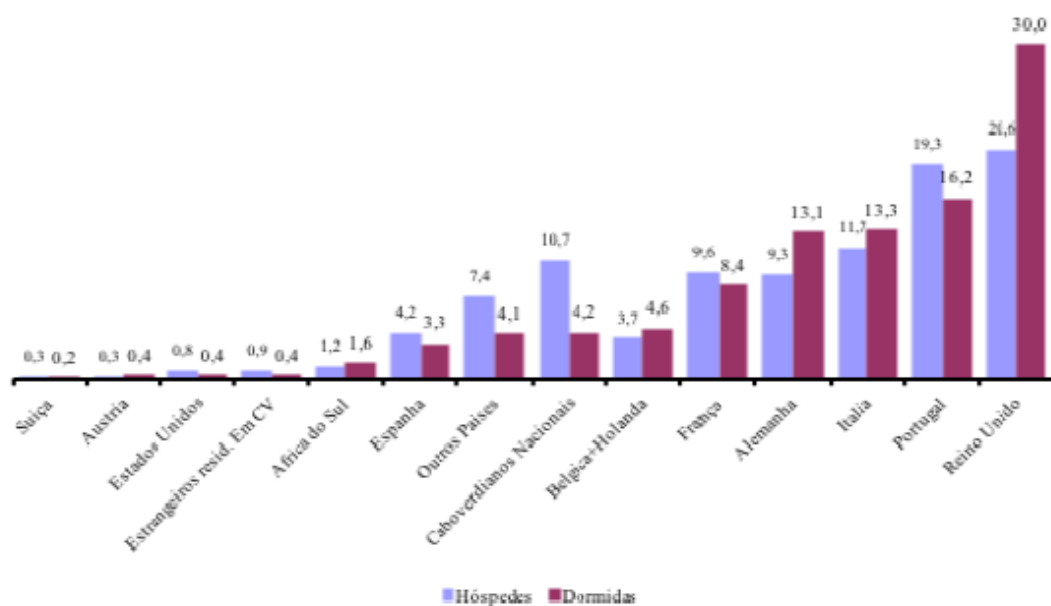


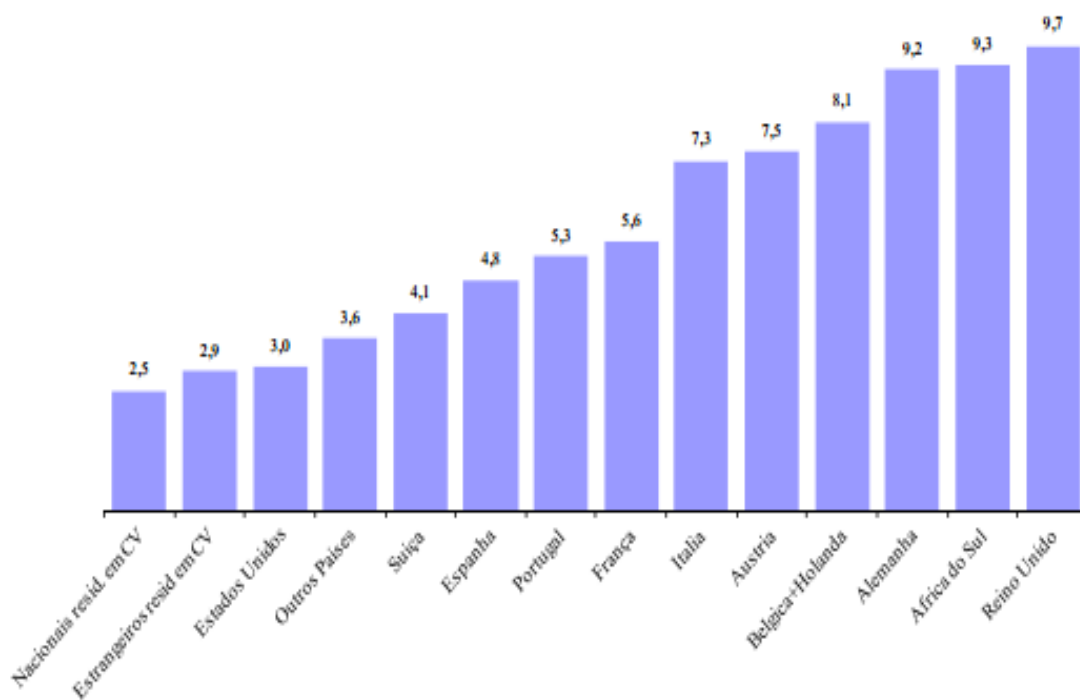
Gráfico 10 - Hóspedes e Dormidas (%) por país de residência dos hóspedes, 3º semestre 2011



Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Fonte: Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde

Gráfico 11 - Estadia média (noites) segundo o tipo dos Estabelecimentos, por país de residência habitual dos hóspedes.



Fonte: Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde

6. Entidades reguladoras do turismo

Segundo a definição de turismo estabelecida pelos Professores Hunziker e Krapf, em 1942, posteriormente adotada pela *Association Internationale des Experts scientifiques du Tourisme* (AIEST), o turismo “é o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária”.⁴⁸

Esta definição, que integra o conceito de visitante não fazendo a separação entre turistas e excursionistas, destaca, porém, vários elementos de interesse:

- O turismo é um conjunto de relações e fenómenos;
- Exige a deslocação da residência habitual;
- Não pode ser utilizada para o exercício de uma atividade lucrativa principal.

Pelo facto de evidenciar a “atividade lucrativa principal” pode concluir-se que devem ser incluídas no turismo todas as deslocações mesmo que impliquem a obtenção de um rendimento desde que este não tenha carácter de principal.

Por não ter em consideração os aspetos sociológicos, sobretudo quando se trata de turismo nacional, esta definição é considerada incompleta pelos sociólogos. Do ponto de vista destes, o turista é, antes de tudo, o homem que se desloca para satisfazer a sua curiosidade, o desejo de conhecer, para se cultivar e evadir, para repousar ou se divertir num meio diferente do que lhe é habitual.

São estes aspetos recreativos, educativos e culturais que levam a considerar o turismo não apenas como um fenómeno económico mas, antes de tudo, como um fenómeno social não evidenciado, ainda, na definição de Hunziker e Krapf.

Em 1991, a Organização Mundial de Turismo (OMT) apresentou uma nova definição entendendo que “o turismo compreende as atividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadas em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios e outros”⁴⁹.

⁴⁸ BENI, Mário - *Análise estrutural do turismo*, 8.ª Ed. SENAC. São Paulo, 2003.

⁴⁹ Informação disponível no site da Organização Mundial de Turismo, <http://www.unwto.org/>, a 12 de julho de 2012.

A expressão “enquadramento habitual”, em substituição da residência habitual, foi introduzida para excluir do conceito de visitante as pessoas que todos os dias se deslocam entre a sua casa e o local de trabalho ou de estudo bem como as deslocações efetuadas no seio da comunidade local com carácter rotineiro.

Na sua explicitação, a OMT considera que o conceito reveste duas dimensões: a primeira é a frequência na medida em que os locais frequentemente visitados por uma pessoa fazem parte do seu enquadramento habitual: a segunda dimensão é a distância, na medida em que os locais próximos da residência fazem também parte do enquadramento habitual mesmo se forem raramente visitados. Deste modo, o enquadramento habitual é uma certa zona em redor do local de residência bem como os locais visitados com uma certa frequência.

Embora adotada pela Comissão de Estatística da ONU, esta definição peca por imprecisão e por privilegiar o lado da procura. É imprecisa porque, ao introduzir o elemento “enquadramento habitual”, tal como foi definido, elimina do conceito do turismo as deslocações efetuadas, com fins indiscutivelmente turísticos, no espaço geográfico que compreende aquele enquadramento e, privilegia o lado da procura, porque apenas inclui no turismo as atividades desenvolvidas pelos turistas com esquecimento de todo o complexo de atividades produtoras de bens e serviços criadas para servir direta e indiretamente os turistas e cuja existência permanece, mesmo quando as deslocações e estadas não se efetuam.

Mais completa e correta parece-nos a definição de Mathieson e Wall que consideram que “o turismo é o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as atividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades”⁵⁰.

Esta definição enfatiza a complexidade da atividade turística e deixa perceber, implicitamente, as relações que ela envolve.

O Prof. Bernecker⁵¹, considerando que no turismo se estabelecem dois grupos de contactos, a saber, o grupo de relações materiais, que consiste no recurso a serviços e bens de consumo por parte dos visitantes que para isso fazem uma despesa, e o grupo das relações imateriais, que consiste no contacto com o local visitado, a sua população,

⁵⁰ MATHIESON, A., & WALL, G. - *Tourism: Economic, Physical and Social Impacts*. Longman. Harlow, 1982.

⁵¹ FUSTER, Luís - *Introducción a la teoria y técnica del turismo*. Alianza Editorial. Madrid, 1991.

a sua cultura, as suas instituições, etc., apresentou a seguinte definição simplificada: “o turismo é a soma das relações e dos serviços que resultam de uma alteração de residência, temporária e voluntária, não motivada por razões de negócios ou profissionais”.

No entanto, tal como se encontra formulada, esta definição exclui as deslocações provocadas pelos negócios, missões de carácter económico ou congressos.

Ora, a cada vez maior internacionalização das atividades económicas bem como as, também, cada vez mais numerosas deslocações no interior de cada país motivadas por razões profissionais, esbatem as diferenças entre os movimentos turísticos e não turísticos a que acresce a impossibilidade prática de separar uns dos outros.

Dáí que, do ponto de vista económico, consideremos que o turismo abrange todas as deslocações de pessoas, quaisquer que sejam as suas motivações, que obriguem ao pagamento de prestações e serviços durante a sua deslocação e permanência temporária fora da sua residência habitual superior ao rendimento que, eventualmente auferam nos locais visitados.

O turismo é, assim, uma transferência espacial de poder de compra originada pela deslocação de pessoas: os rendimentos obtidos nas áreas de residência são transferidos pelas pessoas que se deslocam para outros locais aonde procedem à aquisição de bens ou serviços. Nesta conceção, o turista é considerado como um puro consumidor cujos atos de consumo não têm relação com a obtenção de um rendimento.⁵²

Excluimos as deslocações do e para o local de trabalho exigidas pelo exercício de uma profissão fora da residência habitual, como resulta da própria definição, bem como as pessoas que se deslocam, habitualmente, da sua residência com o objetivo de adquirirem os produtos ou serviços de que necessitam para seu consumo corrente (caso das compras habituais em hipermercados situados fora da localidade de residência).

Podemos, então, desde já, extrair uma conclusão: todas as atividades económicas, culturais e recreativas que, embora se possam inscrever na categoria das turísticas por prestarem o mesmo serviço, sejam predominantemente destinadas à utilização dos residentes ou das pessoas que se deslocam para o local onde se situam para aí exercerem uma profissão, não podem ser classificadas como turísticas.

⁵² CUNHA, Licínio - *Economia e Política do Turismo*. McGRAW-HILL. Lisboa, 1997.

Trata-se de uma distinção importante para a política turística porquanto permite evidenciar as atividades predominantemente turísticas das que o não é.

A diversidade de motivações turísticas traduz-se por uma diversidade de tipos de turismo. Como as regiões e os países de destino apresentam também uma grande diversidade de atrativos, a identificação dos vários tipos de turismo permite avaliar a adequação da oferta existente ou a desenvolver às motivações da procura.

Embora as razões que levam os homens a viajar sejam extremamente variadas e, muitas vezes, se misturem na mesma pessoa, é possível distinguir certos tipos de turismo e agrupando por afinidades os motivos de viagens, podem destacar-se os tipos a seguir enumerados que, porém, não esgotam todos os que se podem identificar nem estabeleçam uma barreira entre eles: Turismo Religioso; Turismo de Repouso; Turismo de Saúde; Turismo Cultural; Turismo Político; Turismo Desportivo; Turismo de Negócios.

Em Cabo Verde, salienta-se o Turismo Balnear (para aqueles cuja principal motivação é o clima ameno, o sol, as praias de areias brancas e finas encontram o ambiente perfeito nas ilhas do Sal, Boavista e Maio. Nas duas primeiras é possível encontrar diversas unidades hoteleiras, nomeadamente na ilha do Sal, mas também na Boavista, embora em menor número, bem como aeroportos internacionais para acesso rápido a estes destinos); Turismo Náutico (no Mergulho, que se pratica em quase todo o arquipélago, e na Pesca Desportiva, que pode ser praticada sobretudo no Sal, São Vicente, São Nicolau e Boavista, a pureza e temperatura constante da água (25°C) e presença de baixios de corais favorecem a observação da incrível riqueza da fauna e flora que povoam os fundos submarinos do arquipélago); Turismo de Natureza (propondo atividades em contacto com a natureza em circuitos de caminhadas, escaladas, passeios a pé, a cavalo ou de bicicleta e a observação ecológica - fauna e flora); Turismo de Circuitos (conhecer lugares, através de itinerários estruturados, com paragens curtas); Turismo Cultural (a cultura de Cabo Verde, vasta e diversa, combina influências africanas e europeias expressas em realizações arquitetónicas, como por exemplo a Cidade Velha, Património Mundial da Humanidade, berço da nacionalidade Cabo-Verdiana, e em muitos outros exemplos um pouco por todas as ilhas, não só através do seu património histórico como também pelo contacto com o povo Cabo-

Verdiano, os seus hábitos e costumes, expressos através das festas tradicionais, do Carnaval, da música, da gastronomia, da literatura, do artesanato, etc.)⁵³

Pelas suas características o turismo é um fenómeno que estabelece relações não só com as atividades humanas mas também com o ambiente físico – os turistas influenciam, de forma mais ou menos intensa as atividades económicas, sociais, políticas, sanitárias, culturais e ambientais. Igualmente, o turismo origina atividades que estabelecem relações diretas e indiretas com as existentes nos locais visitados; por outro lado, o turismo também depende da maioria dessas atividades e, muitas delas, também dependem totalmente ou parcialmente do turismo.

Posto isto, esta interdependência leva a que o turismo seja definido como “a soma dos fenómenos e relações constantes da interação dos turistas, fornecedores de bens e serviços, serviços governamentais e comunidades anfitriãs no processo de atrair e receber os visitantes”.⁵⁴

À medida que o turismo se desenvolve e abrange a generalidade das populações de todos os estratos sociais e de todos os grupos etários, mais intensas e estreitas são as relações que estabelecem. A diversidade de motivos que levam as pessoas a viajar, a inovação, a criatividade e o alargamento das condições da oferta intensificam as relações entre o turismo e todas as outras atividades.

Interessa sobretudo analisar então quais aquelas que podemos considerar as relações fundamentais: quais as entidades reguladoras do turismo e suas funções? Que entidades estão presentes em Cabo Verde?

A título ilustrativo referimos:

- INATUR (Instituto Nacional do Turismo), criado em 1993, já desativado;
- PROMEX (Centro de Promoção Turística, do Investimento e das Exportações) criado em 1990, mas renomeado;
- CI – Cabo Verde Investimentos (Agência Cabo-Verdiana de Investimentos), criada em 2004 da fusão do IADE (Instituto de Apoio ao Desenvolvimento Empresarial) com o PROMEX;

⁵³ Informação disponível no site http://www.portugalcaboverde.com/item2.php?lang=1&id_channel=24&id_page=91, a 30 de julho de 2012.

⁵⁴ GOELDNER, Charles; RITCHIE, J. R. & MCINTOSH, Robert W. – *Turismo: Princípios, práticas e filosofias*. Bookman. Porto Alegre, 2002.

- CCIT (Câmara de Comércio Indústria e Turismo, Portugal – Cabo Verde), associação sem fins lucrativos com estatuto de Utilidade Pública em 1996, ainda activa e dinâmica;
- UNOTUR (União Nacional dos Operadores Turísticos), fundada em 2002 e transformada em Câmara de Turismo em 2006, ainda em funções;
- PROMITUR (Associação Cabo-verdiana dos Promotores Turísticos Imobiliários);
- DGDT (Direção Geral do Desenvolvimento Turístico) sob a alçada do Ministério da Economia, Crescimento e Competitividade;
- CNT (Conselho Nacional de Turismo) é o órgão consultivo do Ministério de Economia, Crescimento e Competitividade para o setor do Turismo, formado em 2007;
- APTCV (Associação dos Profissionais do Turismo de Cabo Verde).

De acordo com informação do site da Câmara do Comércio, Indústria e Turismo Portugal Cabo Verde⁵⁵, com as alterações ocorridas em Cabo Verde a partir de 1991, as primeiras eleições livres e democráticas, a abertura do País ao Investimento Externo e em simultâneo o incentivo e apoio concedido, em Portugal, à internacionalização de empresas na conquista de novos mercados e realocização de alguns setores industriais, tornou-se evidente a oportunidade que se abria para estes dois países, na possibilidade de complementaridade dos seus setores económicos.

A necessidade de informação sobre esta realidade levou à criação, em Novembro desse ano, da Câmara de Comércio Indústria e Turismo Portugal Cabo Verde com o objetivo de fomentar e possibilitar, aos empresários portugueses e Cabo-Verdianos radicados em Portugal, o conhecimento das transformações económicas que ocorriam nas Ilhas de Cabo Verde. O início efetivo da atividade deu-se em fevereiro de 1992.

Esta Câmara, que conta hoje com 109 associados, oriundos de variados setores da economia portuguesa (Banca, Seguros, Telecomunicações, Turismo, Construção Civil, Transportes, Cimentos, Comércio, Auditoria e Consultadoria, Informática, etc.), apetrechou-se então dos meios técnicos de informação, comunicação e tratamento de dados capazes de dar resposta rápida às diversas questões que sempre lhe foram, e

⁵⁵ CÂMARA DO COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TURISMO PORTUGAL CABO VERDE, disponível no site http://www.portugalcaboverde.com/item2_detail.php?lang=1&id_channel=2&id_page=176&id=185, a 30 de julho de 2012.

continuam a ser, diariamente, colocadas sobre a Economia e Investimento em Cabo Verde.

Reconhecida a relevância do seu contributo o Estado Português concedeu a esta Instituição, em 1996, o Estatuto de Utilidade Pública, credenciando-a como entidade privilegiada e de reconhecido mérito na promoção das relações económicas luso-Cabo-Verdianas. Em sintonia com este Estatuto o PROMEX-Cabo Verde (Instituto responsável pelo Investimento Externo, Promoção Turística e Exportações de Cabo Verde), hoje CI-Cabo Verde Investimentos, nomeou a CCITPCV sua representante em Portugal o que veio relevar ainda mais o seu importante papel e contribuição para o desenvolvimento das relações entre os dois países.

Através do site da CCITPCV pode-se conhecer o enquadramento legal do Turismo em Cabo Verde:

- Lei Base das Políticas Públicas do Turismo: Estabelece os objetivos, princípios, meios e instrumentos básicos e as políticas de turismo: as zonas turísticas, a promoção turística, os agentes do turismo;
- Atividade dos Prestadores de Serviços de Turismo: Regula o acesso e exercício da atividade dos prestadores de serviços de turismo como o “acompanhamento turístico”, “serviços de animação turística”, “guias”, etc.; o seu registo e licenciamento.
- Estatuto de “Utilidade Turística”;
- Isenção de Imposto Único sobre o Património (IUP) na aquisição de imóveis destinados a construção e instalação de empreendimentos;
- Isenção de direitos e impostos aduaneiros na importação de materiais e equipamentos incorporáveis nas instalações, de exploração e de transporte;
- Isenção de Imposto Único sobre o Rendimento (IUR) durante 15 anos (100% de isenção durante os primeiros 5 anos e redução de 50% nos 10 anos seguintes, até ao limite de 15% do total de investimentos);
- Dedução na matéria coletável das despesas incorridas com a formação de trabalhadores Cabo-Verdianos e de Promoção.

Poderá ser convencionado o apoio na obtenção de financiamento para a cobertura do investimento em capital fixo e na obtenção de linhas especiais de crédito ao investimento em condições mais favoráveis do que as praticadas no mercado, junto de instituições financeiras de apoio ao desenvolvimento.

Em regra, investimentos de montante elevado, superior a 30 milhões de euros, são alvo de “Convenção de Estabelecimento” através de:

- Incentivos especiais: Isenção de Tributação aos dividendos e lucros distribuídos ao investidor externo durante um período de 5 anos, e/ou sempre que reinvestidos;
- Isenção de Tributação às amortizações e juros correspondentes às operações financeiras que constituem Investimento externo; Estabilização do Regime fiscal (IUR de 10% após o 6º ano de atividade, sem prejuízo de eventuais condições bilaterais mais favoráveis contidas em acordos firmados entre o Estado de Cabo Verde e o Estado de nacionalidade do investidor).
- Incentivos Fiscais: Isenção de tributação dos dividendos distribuídos nos primeiros 5 anos de atividade;
- Isenção de tributação dos dividendos, sempre que tenham sido reinvestidos;
- Isenção de tributação sobre amortizações e juros.

Relativamente ao Estatuto da Indústria Hoteleira e Similar, este estabelece as normas respeitantes ao aproveitamento dos recursos turísticos nacionais e ao exercício da indústria e similar:

- Mérito Turístico: Regula a concessão de reconhecimento de mérito turístico às pessoas singulares ou coletivas, nacionais ou estrangeiras;
- Atividade das Agências de Viagens e Turismo: Regula o exercício de atividade das Agências de Viagens e Turismo, no sentido de os adequar às necessidades atuais do setor;
- Fundo de Desenvolvimento do Turismo: Fomento do Turismo através da bonificação de juros, prestação de garantias, avales e concessão de crédito turístico a curto, médio e longo prazo;
- Revisão do Estatuto da Indústria Hoteleira e Similar: Revê o Estatuto da Indústria Hoteleira e Similar, estabelecendo as normas respeitantes ao aproveitamento dos recursos turísticos nacionais e ao exercício da indústria e similar;
- Instalação, Classificação e Funcionamento de Estabelecimentos Hoteleiros e Similares;
- Alteração do Fundo de Desenvolvimento do Turismo;
- Regime de Exploração do Circuito Turístico da Cidade Velha;

- SDTBM-Sociedade de Desenvolvimento Turístico da Boavista e do Maio;
- Zonas Turísticas Especiais;
- Declara as áreas especialmente aptas para o desenvolvimento turístico internacional de sol e mar, ou pelo seu valor ecológico, e estabelece as formas de apropriação dos solos das mesmas áreas, e as modalidades da sua cedência aos promotores turísticos - Zonas de Desenvolvimento Turístico Integral (ZDTI) e Zonas de Reserva e Proteção Turística (ZPRT);
- Regime Jurídico dos Jogos de Fortuna e Azar.

Em suma, no âmbito da reestruturação legislativa do setor do turismo de Cabo Verde foi publicada, a 10 de Janeiro de 2011, a Lei nº 85/VII/2011⁵⁶ que veio estabelecer as bases das políticas públicas de turismo do País, definindo os objetivos e os princípios das políticas para o turismo e identificando os instrumentos destinados à sua execução.

Esta lei reafirma a grande importância que o setor do turismo representa em Cabo Verde, identificando o crescimento do setor como objetivo central e sustentáculo do desenvolvimento económico e social do país para redução de assimetrias regionais e sazonais e para a promoção da inclusão social através do aumento da oferta de emprego, contribuindo para uma melhor e mais equitativa distribuição da riqueza. Para tal, o diploma consagra como princípios basilares, entre outros, o livre acesso à atividade turística a todas as pessoas singulares e coletivas, nacionais e estrangeiras, a valorização da identidade e do património cultural de Cabo Verde, a extensão da atividade turística a todo o território nacional, o envolvimento do setor privado, a dinamização da promoção da mobilidade através da dinamização das infraestruturas viárias, portuárias e aeroportuárias e a sustentação das instituições públicas do turismo (de acordo com o princípio do utilizador pagador) para a concretização dos objetivos preconizados, assentes numa intervenção especial nas áreas de incentivos à instalação de equipamentos, à dinamização da mobilidade intra e inter-ilhas, à concretização de parcerias público-privadas, à criação de pequenas e médias empresas prestadoras de serviços turísticos, à adoção de políticas fiscais favoráveis ao investimento e à

⁵⁶Informação disponível no site <http://www.casasdodireito.cv/admin/imgBD/publicacoes/LEI%20VBG.pdf>, a 30 de julho de 2012.

simplificação dos procedimentos administrativos com o intuito de proporcionar uma maior flexibilidade e rapidez de resposta e decisão.

Os instrumentos definidos como estratégicos para a execução destas políticas são o Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo e os Planos de Ordenamento das Zonas Turísticas Especiais que incluem as Zonas de Desenvolvimento Turísticos Integral (ZDTI) e as Zonas de Reserva e Proteção Turística (ZRPT) cujo regime se encontra regulamentado em legislação própria.

Este diploma, ao consolidar, reafirmar e desenvolver os princípios estipulados pela sua antecedente, Lei nº 21/IV/91 de 30 de Dezembro, acaba por transmitir ao mercado internacional um sinal bastante positivo que é reflexo da estabilidade e maturidade das políticas do Estado de Cabo Verde no setor do turismo, evidenciando o reforço do apoio ao investimento num setor que, não obstante a crise internacional, tem vindo a apresentar resultados de crescimento sustentado e contínuo ao longo dos últimos anos.

Em 2004, a Direção Geral do Desenvolvimento Turístico (DGDT) apresentou o Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico (PEDT), com um horizonte temporal de doze anos, que estimava divisas avultadas para este setor. Porém, “o PEDT, devido às discordâncias e às polémicas geradas, continua à espera de novos contributos e da sua consequente homologação”.⁵⁷

No que se refere aos apoios ao investimento, reafirma-se o objetivo de encorajar a celebração de convenções de estabelecimento relativas a investimentos em empreendimentos e estabelecimentos turísticos que se revelem de interesse excecional para o desenvolvimento do turismo declarando a implementação de mecanismos de apoio e estímulo ao desenvolvimento de Pequenas e Médias Empresas e ao reinvestimento que resulte de investimento interno e estrangeiro em empreendimentos e estabelecimentos turísticos.

⁵⁷ CABRAL, José - *O papel do turismo no desenvolvimento de Cabo Verde – turismo e combate à pobreza: nu djunta-mô*. Tese de mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional, Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2005.

Capítulo 3

3.1. Culturas e património de Cabo Verde

Segundo Perotti, a(s) cultura(s) é o sentido que vulgarmente é dado em antropologia e refere-se a um grupo ou a um povo. Corresponde a uma estrutura complexa e interdependente de conhecimentos, de códigos, de representações, de regras formais ou informais, de modelos de comportamento, de valores, de interesses, de aspirações, de crenças, de mitos⁵⁸. Este universo realiza-se nas práticas e nos comportamentos diários: usos de vestuário, atitudes corporais, tipos de relações, organização familiar, etc. A cultura sobre o viver e o fazer. A génese desta estrutura complexa opera-se nas transformações técnicas, económicas e sociais próprias de uma determinada sociedade no espaço e no tempo. Ela é o resultado do encontro dos três protagonistas da vida: o homem, a natureza e a sociedade.

Vygotsky, concebe o homem como ser social que se constitui na e pela cultura, cuja força promove modos de ação, consciência e subjetividade a partir das relações interpessoais, determinadas por condições sociais e históricas específicas⁵⁹.

Segundo Vaz, a “identidade é um fenómeno inerente ao ser humano e, a partir do momento em que o homem é um ser cultural, a identidade é um atributo de todas as sociedades humanas”⁶⁰. Tanto a identidade como a cultura dos grupos é caracterizada pela mutabilidade e dinamismo. Como refere Hall, uma identidade cultural enfatiza aspetos relacionados com a nossa pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais. Portanto, existem várias formas de identidade e estas, apesar de serem muitas vezes contraditórias acabam por se cruzarem podendo, até mesmo, se complementarem.⁶¹

Como existem diversas facetas da identidade, é necessário refletir sobre o modo como os Cabo-Verdianos se relacionam nestes diferentes contextos, para pensar a sua identidade, ou seja, um olhar mais profundo sobre os ambientes sociais e culturais dão pistas sobre a identidade dos tipos de pessoas que neles participam.

⁵⁸ PEROTTI, A. - *A Apologia do Intercultural*. Secretariado Entre culturas. Lisboa, 1997.

⁵⁹ VYGOTSKY, L. - *A formação social da mente*. Martins Fontes. São Paulo, 1989.

⁶⁰ VAZ, C. (2006). *Afinal, quem sou eu?* A identidade de crianças de origem Cabo-Verdianas em espaço escolar. Universidade técnica de Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

⁶¹ HALL, Stuart - *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. DP&A. Rio de Janeiro, 1998.

Como já foi referido anteriormente, os Cabo-Verdianos sofrem influências resultantes de uma mestiçagem entre colonos europeus e escravos africanos, que se fundiram num só povo, o crioulo revela, não apenas na cor da pele e na língua, mas também na sua herança europeia e africana.

A estes habitantes é associado o carácter afável e hospitaleiro e a sua forma de estar e viver muito próprias reflete-se no termo *morabeza*⁶². Os seus costumes e tradições, moldadas pelas influências culturais múltiplas favoreceram a emergência de uma identidade cultural diferenciada: o *badiu*⁶³ (natural das ilhas do sul do arquipélago, Sotavento, marcadamente mais africana) em oposição ao *sampadjudo*⁶⁴ (natural das ilhas do norte do arquipélago, Barlavento, de influência mais europeia).

Neste seguimento, segundo Ramos,

*“Volvidos 34 anos após a independência nacional, este conflito continua granjeando adeptos e, portanto, minando a construção de uma identidade fundada no consenso. Neste longo processo de construção da identidade nacional, o crioulo de Cabo Verde, enquanto fenómeno cultural fundamental da identidade nacional, situa-se no âmago do conflito entre os defensores da sua oficialização e os opositores de tal projecto.”*⁶⁵

A língua é indiscutivelmente um dos maiores patrimónios da identidade e cultura de um povo e como foi referido anteriormente, a língua oficial em Cabo Verde é o português, usada nas escolas, na administração pública, na imprensa e nas publicações. Mas, a língua nacional de Cabo Verde, a língua do povo, é o crioulo Cabo-Verdiano (*criol, kriolu*).

Têm várias obras literárias célebres como Chiquinho (Baltasar Lopes da Silva), Os Flagelados do Vente Leste, Chuva Braba (Manuel Lopes), O Testamento do Senhor Napomuceno da Silva Araújo (Germano Almeida), revista Claridade, Hora di Bai (Manuel Ferreira).

⁶² A palavra *morabeza* é tida como sendo um substantivo derivado do adjetivo *morabi* (supostamente do português amorável). A palavra *morabi* significa «amável, afável, atencioso(a), delicado(a), gentil, simpático(a), carinhoso(a)». A *morabeza* é tida pelos Cabo-Verdianos como algo difícil de traduzir (como a palavra saudade em português) e exprime um sentimento tipicamente Cabo-Verdiano. [Fonte: www.ciberduvidas.pt]

⁶³ Termo originalmente pejorativo que designa os habitantes de Santiago. É etimologicamente originário do vocábulo português “vadio”, utilizado inicialmente para desqualificar os negros fujões e os pretos forros de todas as ilhas habitadas, então avessos e renitentes à clausura escravocrata e resistentes à submissão a uma economia capitalista de plantação que viesse substituir a economia escravocrata, como ocorrera, por exemplo, em S.Tomé e Príncipe, no Brasil ou nas Caraíbas (Ramos, 2009, p. 55)

⁶⁴ Em português “sempre ajuda”, que foi o nome dado aos escravos da Ribeira Grande. Hoje *sampadjudo* são todos os habitantes de Cabo-Verde com exceção da ilha de Santiago, que são denominados de Badio. [Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/sampadjudo/>]

⁶⁵ RAMOS, António - *Conflitos de Identidades em Cabo Verde: Análises dos casos de Santiago e São Vicente*. Tese de Mestrado em Estudos Africanos. Universidade do Porto, 2009.

Um marco na música deste país é a consagrada cantora Cesária Évora, conhecida como a “diva dos pés descalços”, pois gostava de se apresentar no palco assim. Na música, há diversos géneros musicais próprios, dos quais já foram referidos a *morna*, o *funaná* e a *coladera*. Deve reter-se que o sucesso internacional de Cesária Évora fez com que outros artistas Cabo-Verdianos, ou descendentes de Cabo-Verdianos nascidos em Portugal, ganhassem maior espaço no mercado musical, como as cantoras Sara Tavares e Lura.

Os instrumentos que refletem a cultura deste povo são vários, desde a Concha, *Tchabeta* (batidas sincronizadas, com as palmas das mãos, contra batuques presos entre os joelhos), o Berimbau, o Cimbo (violino de arco com uma corda), o Tambor, o Pandeiro, a Catreba, os Ferrinhos, a Rabeca, a Morna, entre outros.

Relativamente à gastronomia Cabo-verdiana, colorida pelas influências africanas mas incorporando alguns hábitos da cozinha tradicional portuguesa é rica em cores e sabores. A base da alimentação tradicional são os alimentos produzidos localmente, quase sempre incorporando o milho. Passam por pratos de carne (porco, vaca, cabra e cabrito), simples ou guarnecidos com verduras, ou de peixe e garantem uma variedade de sabores. O prato nacional de referência é a *catchupa*, confeccionado com carnes várias (frango, vaca, porco e enchidos) acompanhado de milho *cochido*, feijão ou favas, batata e couve e enriquecido, por vezes, com ovos fritos ou peixe. Também o *modje Manel Antóne* (cabrito) suscita as delícias dos apreciadores da cozinha africana. Este país, com o seu mar rico em espécies marinhas, sustenta a variedade da cozinha Cabo-Verdiana proporcionando agradáveis surpresas aos apreciadores de peixe e marisco. Nesta vertente o prato típico nacional é o caldo de peixe; o atum, peixe-serra, espadarte, garoupa, esmoregal e a moreia, são algumas das espécies mais apreciadas; percebes, búzios, polvo e lagosta merecem destaque especial. É típico comer bafas de marisco, apresentadas como entradas ou simples aperitivos.

As sobremesas não devem passar despercebidas. De paladares diferenciados a doçaria, variada, baseia-se no leite e nas frutas nacionais - papaia, manga, coco, azedinha. Os pudins, de queijo, café ou leite, são também referências importantes na cozinha Cabo-Verdiana. O queijo de leite de cabra, oriundo da Boavista, acompanhado de doce de papaia (apelidado de Romeu e Julieta) é uma das sobremesas mais apreciadas.

Entre as bebidas não se deve deixar de provar o vinho frutado do Fogo (branco e tinto), o *manecon*, produzido nas encostas do vulcão, e o café cru, um dos melhores do mundo. O famoso *grogue*, aguardente de cana-de-açúcar, bebida fortemente alcoólica e fabricada ainda por métodos artesanais na ilha de Santo Antão ou em zona rurais de Santiago, encontra-se generalizado por todo o arquipélago podendo ser adquirido em atraentes embalagens. O *pontche* e os licores de frutos juntam o *grogue* aos sabores tropicais.

Quando se fala de artes plásticas, só depois da independência em 1975 é que ocorreu o surgimento de alguns artistas no campo da pintura e escultura. Nessa primeira fase, todos os trabalhos pictóricos evidenciavam o grito da liberdade e a alegria da independência. Era o fim de séculos marcados pela escravatura e o colonialismo. Atualmente, Cabo Verde abriu-se para o resto do mundo e os seus artistas vão buscar influências, havendo uma certa globalização nas artes Cabo-Verdianas, mantendo-se, no entanto, certos sinais das raízes africanas, evidenciadas sobretudo na escolha das cores.

A liberdade de religião é garantida pela Constituição e respeitada pelo governo. Há boas relações entre as diversas confissões religiosas, sendo que os Cabo-Verdianos são nominalmente de maioria Católica Romana (mais de 90%), mas outras denominações cristãs também estão implantadas em Cabo Verde, com destaque para os protestantes da Igreja do Nazareno e da Igreja Adventista do Sétimo Dia, assim como a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mormons), a Assembleia de Deus e outros grupos pentecostais e adventista. Há pequenas minorias muçulmanas e da Fé Bahá'í.⁶⁶

Na sequência do que foi referido num capítulo anterior (1.4. *Património tangível e intangível*), as festividades são várias; geralmente em fevereiro, o Carnaval é celebrado em todas as ilhas com especial evidência para os de Mindelo (São Vicente) e São Nicolau; em abril, a festa da Bandeira de São Filipe (Fogo); em maio o Festival da Gamboa pelas festas da Cidade da Praia (Santiago); em junho, as festas tradicionais de São João e Santo António (Brava, Santo Antão e São Nicolau); a *tabanka* precede o São João (Santiago e Maio); em agosto, o Festival da Baía das Gatas (São Vicente), evento musical com projeção internacional e em setembro, o Festival de Música de Santa Maria (Sal), incluído nas festas do Dia do Município (Nossa Senhora das Dores).

⁶⁶ Guia Turístico de Cabo Verde, disponível no site [www. http://www.guiadecaboverde.cv](http://www.guiadecaboverde.cv), a 28 de julho de 2012.

Contudo é importante reter-se, como afirma Filho,

*“O estudo de uma cultura tradicional não deve ser feito, predominantemente partir de elementos da cultura erudita e literária. Esta servirá apenas para complementar os dados recolhidos da cultura popular, considerada nos seus dois aspectos: ergologia e tradição oral” e “(...) na verdade, apesar da sua fragilidade, a tradição oral veicula todo o património histórico e literário desses povos, tornando a oralidade um sistema de conservação e transmissão de conhecimentos, em geral guardado na memória”.*⁶⁷

São várias as críticas feitas à falta de um levantamento devidamente completo sobre o património existente m Cabo Verde. Todavia, o passado colonial marca a História fazem-se rever em edifícios de um passado recente, também colonial. A arquitetura funciona assim como um espelho do passado. Deste modo, pode fazer-se referência ao Museu da Tabanka, instalado no edifício recuperado da antiga Repartição da Fazenda e dos Correios, considerado património histórico-cultural pelo seu original traçado arquitetónico e localizado no centro da cidade de Assomada, o Museu da Tabanka, também conhecido como Centro Cultural da Assomada, tem como objetivo promover e dinamizar a vida cultural no concelho de Santa Catarina e no interior da ilha de Santiago.⁶⁸

Há também o Museu Etnográfico da Praia, criado em 1997, com o objetivo de expor peças que retratassem a vivência dos Cabo-Verdianos ao longo dos tempos, exhibe principalmente objetos e utensílios utilizados nos trabalhos quotidianos da população do meio rural. As mais de 400 peças do museu foram obtidas através de doações e de ofertas da população de vários pontos do país.⁶⁹

Como afirma Mariano,

*Parece-me ter havido em Cabo Verde um certo desvio naquilo que o português realizou nas áfricas. Melhor dizendo: um certo desvio na posição ou situação do homem português perante a direcção dos fenómenos que fora surgindo nas suas vicissitudes de contacto com os povos afro-negros. No Brasil, por exemplo, nota-se que ao branco coube sempre uma função de líder, de mestre na evolução na sociedade brasileira. Em Angola, Moçambique, Guiné ou S. Tomé e Príncipe coube ao português o poder de comandar o fluir e refluir dos acontecimentos locais. Em Cabo Verde (...) o mulato adquiriu desde cedo grande liberdade de movimentos (...); ter-se-ia transferido para o mulato a condição de mestre, de líder na estruturação da sociedade caboverdeana (...). Teria sido o funco, e não o sobrado, o laboratório exacto onde se processou a síntese de culturas e a apropriação pelo negro e pelo mulato de elementos e expressões civilizacionais portuguesas. A cultura fez-se de baixo para cima”.*⁷⁰

⁶⁷ FILHO, João Lopes - *Introdução à cultura Cabo-Verdiana*. Editora Instituto S. da Educação Cabo Verde. Praia, 2003.

⁶⁸ Informação disponível no site <http://www.indexcabo Verde.com/>, a 28 de julho de 2012.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ MARIANO, Gabriel - *Cultura caboverdeana: ensaios*. Vega, Lisboa, 1991.

3.2. Costumes e tradições

Como referem Milani e Droulers, psicologicamente, a vinda de turistas pode traduzir-se de duas formas: orgulho pelas tradições e costumes próprios e reconhecimento da riqueza da troca com o outro ou atitudes defensivas perante outras culturas e hostilidades por dificuldade de comunicação.⁷¹

Da mestiçagem entre europeus conquistadores e escravos da costa africana, nasceu um povo, que assume com orgulho a sua identidade crioula. O Cabo-Verdiano, que se impregnou de várias culturas, é hospitaleiro e acolhedor⁷², e torna-se visível “(...) na vida pacata e feliz que levam sempre com aquele espírito tranquilo de “morabeza” que tanto os caracteriza”⁷³.

Segundo João Lopes Filho,

“Com o povoamento do arquipélago de Cabo Verde, encontrado desabitado aquando do seu achamento, ocorreu um processo de mestiçagem, resultante do encontro das várias etnias, que aí se entrecruzaram. Uma vez que as ilhas foram povoadas por fases e com contingentes diferentes, não receberam todos os elementos étnicos provenientes das mesmas origens, tendo nalgumas já participado elementos nascidos nas zonas do povoamento mais antigo. Daí resultou uma sociocultura, em que condicionalismos geográficos e climatéricos imprimiram particularidades a cada ilha, embora nos seus traços genéricos enformem um povo com comportamentos, valores e tradições extensíveis ao seu todo.

*Por isso, a especificidade da identidade cultural cabo-verdiana é determinada pela miscigenação e influenciada pela insularidade, ou seja, a base da cosmovisão típica deste povo adveio da mestiçagem e interpenetração no tecido social de diversas culturas, com as suas tradições, costumes, valores e comportamentos, que moldaram um imaginário coletivo e se refletem no seu quotidiano.”*⁷⁴

Se se pensar nas formas de entretenimento turístico que Cabo Verde proporciona podemos falar num arquipélago com atividades variadas e diversas, tudo isso sem contar com o simples encanto que nos oferecem muitos dos seus lugares. Assim podemos nomear o *windsurfig*, com ventos regulares e intensos e instalações que fazem as delícias dos praticantes deste desporto; o submarinismo e a pesca desportiva, tanto submarina como em embarcações, com multidão de espécies interessantes nas ricas

⁷¹ MILANI, Carlos R. S.; DROULERS, Martine - *Desenvolvimento Local e Turismo em Tarrafal (Cabo Verde) - Lições metodológicas a partir de uma experiência local*. UNESCO e Programa Management of Social Transformations. Praia, 2002.

⁷² Anónimo, «O país da “morabeza”», *Cabo Verde, o país da “morabeza”*, 2005, separata da revista *Viajar*, 6.

⁷³ CARIA, Tânia - *Boavista “nha cretcheu”*, *A ilha mais bem guardada de Cabo Verde*, Revista *Viajar*, nº 244, Dezembro 2008, p. 13.

⁷⁴ FILHO, João Lopes – *Defesa do Património Sócio-Cultural de Cabo Verde*. Ulmeiro. Lisboa, 1985.

águas; e, por último, o *trekking*, com cotas, paisagens vulcânicas e desérticas, bosques e ambientes tropicais: em poucas palavras, há onde escolher.

Contudo, os verdadeiros costumes do país passam por imagens tão simples como a da mulher a fumar cachimbo; os penteados com tranças ou o jogo do *ouri*.⁷⁵

Outros elementos, referentes ao quotidiano, têm também grande destaque; a faina dos pescadores é um dos mais recorrentes, mas outros, como o transporte de água ou os mercados são também frequentemente apresentados. De notar, por exemplo, que o transporte de água aparece, na maioria dos casos, feito ou por crianças ou por burros.

As fotografias de crianças são muito frequentes nas representações iconográficas. Como afirmam Morgan & Pritchard: “A escolha de um rapazinho é também interessante e ecoa a tradição dos postais ilustrados de apresentar as populações indígenas como crianças ou como anciãos, as primeiras inocentes e os segundos sábios – e ambos dificilmente susceptíveis de desafiar e causar desconforto ao olhar turístico”.⁷⁶

Para se conhecer os costumes e tradições de Cabo Verde, Caria afirma que basta andar,

*Nas típicas ruelas de Sal Rei, reencontrámos a Pracinha, iluminada na noite anterior pela fusão de morna e violinos. (...) observámos os mais experientes jogadores de ouri, grupos de jovens em animadas conversas em crioulo, consumidores moderados de um bom grogue, cantores de serenatas e alegres tocatinas e risadas provocadas por brincadeiras de crianças a correr descalças pelas ruas prontas já para banhos de praia e piruetas na areia.*⁷⁷

E a autora continua, afirmando que se trata de “um país que, entre as muitas coisas boas que possui, revela que o seu bem mais precioso reside no carácter do seu povo e na alma das suas gentes (...), um povo de sorriso sempre fácil, feliz com a vida serena que leva.”⁷⁸

De forma breve, apresentam-se abaixo alguns costumes e tradições que nos são dados a conhecer através de João Lopes Filho:

⁷⁵ Os nomes de Oril, Uril, Ori, Oro, Ouri ou Urim, entre outros, coincidem com a especificidade de cada ilha de Cabo Verde. No continente africano recebe também designações diversas, nomeadamente “awalé ou awélé” (Costa do Marfim) e “N’Golo” (Congo Kinshasa). Das muitas designações que tivemos acesso, decidimos adoptar a seguinte: “Ouri”.

O jogo processa-se sobre um tabuleiro com catorze buracos (doze casas e dois depósitos) e quarenta e oito sementes, ou num tabuleiro com apenas doze casas.

⁷⁶ PRITCHARD, Annette; MORGAN, Nigel - *Mythic Geographies of Representation and Identity: Contemporary Postcards of Wales*. Tourism and Cultural Change, Vol. 1, nº2, 2003, pp. 123-124.

⁷⁷ CARIA, Tânia - *Boavista “nha cretcheu”, A ilha mais bem guardada de Cabo Verde*, Revista Viajar, nº 244, Dezembro 2008, p. 11.

⁷⁸ Ibidem, p. 10.

“-Tradicionalmente logo após o nascimento prendem ao pescoço do bebê um “arlitche” (cordel com “contas de quebranto” e outros amuletos dentro de um saquinho), enterram a placenta num local escondido, com a “boca” para cima de modo a que a criança não apanhe “frieza” (resfriado), bem como o cordão umbilical (para ligar a criança à terra), sendo o recém-nascido, também banhado numa infusão de ervas aromáticas (contra o mau olhado), simbolizando a sua passagem do mundo aquático para o terreno;

- Destaque-se, ainda, a cerimónia do “guarda-cabeça”, ou ritual da “noite de sete” (sete dias, após do nascimento) que reúne familiares e amigos numa vigília para defender a criança de bruxos, lobisomens, etc. e na qual se fazem orações, comem e bebem e conversam enquanto cantam músicas tradicionais para afugentar aquelas criaturas malignas;

- Algum tempo depois realiza-se o batismo (se morre sem batismo, é pagão, mas considerado “anjinho”), do qual faz parte uma refeição oferecida pelos pais (“santos óleos”), não faltando brindes dos padrinhos e baile;

- Sendo a puberdade quase que a preparação para o casamento, rituais de passagem marcam a mudança de estatuto (celibato para casado), do qual fazem parte conselhos ao novo casal, antecedido, nomeadamente, da tradicional aceitação do namoro por parte da rapariga (declaração oral, carta, ou oferecendo-lhe um “sinal de amor”), a que se segue o pedido de casamento (o rapaz informa aos pais da rapariga que alguém irá falar com eles), e depois de aceite, servem como “morabeza” um bom grogue.

- Dos preparativos para a boda faz parte a “plaja” numa das casas dos pais dos noivos, realizado por familiares e amigos (que levam algum milho para preparar o xerém, simbolizando a sua importância na alimentação tradicional);

- No “cotchir” é a noiva que inicia o esfarelar do milho no pilão (tarefa que pode levar vários dias, ao som do “sabe deveras”), reuniões que ajudam a estreitar relações de amizade entre as duas famílias;

- Na véspera do evento estalam foguetes e uma orquestra de pau-e-corda anima a casa da boda (assinalada com uma bandeira), aonde são levados os presentes transportados nas “bandejas” (tabuleiros envoltos em toalhas brancas, ornamentados de flores) e recebidos pelo “mordomo”, numa animação que reina durante toda a preparação do banquete;

- Após a cerimónia litúrgica, organiza-se um cortejo nupcial, aguardado à saída da igreja por uma orquestra tradicional a tocar a marcha nupcial. Parte-se bolo no final do repasto, os padrinhos “botam discurso” e brindam, as flores da noiva são oferecidas à sua irmã mais nova e a festa prossegue no baile que se prolonga pela noite;
- Nalgumas regiões pode ainda realizar-se a “festa do toldo”, repleta de tradições;
- O capítulo da morte constitui um processo que no caso de Cabo Verde retrata algum sincretismo, apresentando um misto de catolicismo e práticas de cultos diversos. Em redor do leito do moribundo (pedem perdão por ofensas anteriores, concedendo-o também a ele para que o seu espírito não fique a vaguear na terra) e em seguida o “curioso” (substitui o padre quando o não há) faz várias orações. Note-se, que enquanto o moribundo se mantém vivo, há uma certa serenidade, mas logo que faleça o alarido apodera-se de todos, culminando na “guisa”.
- Depois de se “amarrar a queixada”, o defunto é lavado com infusões de ervas aromáticas, cascas de laranja, alecrim, etc. e vestem-no com a sua roupa dos dias festivos (os adultos de fato escuro e as crianças de branco);
- Logo após o enterro, “armam altar” na casa do defunto (servindo de medianeiro entre a alma deste e o mundo terreno), começando então aqui o “tempo do nojo” (pode prolongar-se por oito, quinze dias ou até um mês, dependendo das posses do falecido), em que os familiares passam uns dias sentados no compartimento onde o corpo do morto foi exposto, chorando-o e recebendo pêsames, pois comem apenas alimentos oferecidos por amigos e vizinhos;
- No sétimo dia, geralmente, depois uma missa procedem ao “levantamento do altar” e na noite anterior fazem a “véspera”, que consiste num conjunto de hinos e rezas entoados em coro, posto que servem uma refeição à meia-noite;
- Sublinhe-se, ainda, a existência do “canto das almas” (quase em desuso) dedicado às almas do Purgatório que precisam das orações dos vivos para conseguirem alcançar o Céu. Em S. Nicolau, por exemplo processam-se a seguir às “Festas de Outubro”, normalmente ao “desamparinho” ou em alta madrugada, continuando até 2 de novembro, altura em que os devotos vão até ao cemitério para aí procederem a oferecimento da sua reza”.⁷⁹

⁷⁹ FILHO, João Lopes – *Defesa do Património Sócio-Cultural de Cabo Verde*. Ulmeiro. Lisboa, 1985.

O autor aborda também as festas das bandeiras na ilha do Fogo, dedicadas a S. Sebastião, S. Filipe, S. João e S. Pedro (cada um deles tem uma bandeira com a respetiva imagem), que adquiriram um cariz específico.

As festas natalícias começam com a missa do galo na noite de 25 de Dezembro. À semelhança das famílias portuguesas, após a missa, os Cabo-verdianos sentam-se à volta da mesa para cear com a família. À mesa é obrigatória a presença de pratos e bebidas tradicionais como o cuscuz, funguim, pastel de milho, o grogue ou o ponche. A passagem de ano também é celebrada nestas ilhas. Nesta noite as crianças, organizadas voluntariamente em grupos, percorrem as ruas a tocar e a dar as “Boas Festas” nas casas de amigos, familiares e população em geral. Na Cidade do Mindelo é tradição as pessoas, à meia-noite, concentrarem-se na marginal para ver o fogo-de-artifício e ouvir a banda municipal.

É também comum a crença em feitiçaria, bruxedos, mau-olhado, rabada e outros aspectos sobrenaturais. Estas crenças eram alimentadas e transmitidas pelas histórias que os mais velhos contavam a soleira da porta de casa.

Este hábito, contar histórias, era muito frequente entre os Cabo-verdianos. Era um momento de descontração onde os mais velhos aproveitavam para educar e orientar os jovens através de contos que tinham uma importante vertente pedagógica, além de lúdica. Mas, com o desenvolvimento e a chegada da luz elétrica, e consequentemente da televisão e outras “modernices”, esta convivência perdeu-se no tempo.

Também por consequência do pouco desenvolvimento a população quase não tinha acesso a consultas médicas. Pelo que, era frequente a crença e o uso de plantas medicinais. Exemplo disto é o Dragoeiro, árvore de tronco robusto, existente, principalmente na ilha de São Nicolau, cuja seiva era utilizado para curar vários males.

É de salientar que a transmissão destas crenças e outros aspectos culturais constituem a tradição oral deste arquipélago. Fazem parte da tradição oral as cantigas de trabalho, adivinhas, músicas populares, jogos, lengalengas, histórias etc. Esta transmissão de tradições de geração em geração ao longo do tempo permitiu a conservação da peculiar Cultura Cabo-verdiana.

Nas danças, destacamos o “Finaçon”, o Batuque, o “cola sanjon”. Em todas a presença do tambor e dos ritmos quentes lembra-nos outras culturas Africanas.

A cachupa, exlibris da cozinha de Cabo Verde, juntamente com outras tradições, a nosso ver, caracteriza totalmente, “o povo das ilhas”. Pois, os ingredientes usados na

sua confecção (milho, feijão, batata doce, e outras hortaliças,, bem como peixe e carne etc.) representam a insularidade do País e a base da atividade económica praticada. Antigamente era feito a lenha o que simboliza a simplicidade dos Cabo-verdianos.

Para completar citamos João Lopes Filho que afirma:

“(...) a função de significação, encontram-se os adornos, pois o enfeite do corpo assegura papéis económicos e socioculturais. Em Cabo Verde, as mulheres ostentavam tradicionalmente brincos, colares, anéis, pulseiras, etc. (sobretudo em festas ou ocasiões solenes), ou objetos de ouro (numa espécie de gratificação do ego), que ajudam a distinguirmos as posições na hierarquia social. Atualmente, estão em voga tanto os adornos de fabrico local (tartaruga, fios com contas vegetais, colares de sementes, etc.) como de importação. Entre os homens é comum o uso de relógio, botões de punho e alfinetes de gravata (entre outros). Através dos tempos tem-se considerado o penteado como um embelezamento do corpo humano e neste arquipélago a sua evolução demonstra influências diversas, distinguindo-se, todavia, os cuidados para uso diário ou o de momentos festivos e especiais, com uma forte tendência para o desaparecimento das diferenças e um nivelamento nos hábitos de vestir e do cuidar do cabelo em Cabo Verde. Os jogos tradicionais têm por fim o prazer lúdico, aliado a uma maneira de ocupar os tempos livres, diferindo-se consoante as diversas camadas etárias e sexos, cujos membros executam tarefas conforme a habilidade específica exigida para cada caso, principalmente no intuito de exercitar o corpo, pôr em confronto determinada destreza, desenvolver a mente através da aprendizagem, etc. Habitualmente alguns jogos implicam a manipulação de objetos culturais (cordas, dados, aparelhos, etc.), que são muito diferentes daqueles com a classificação genérica de “brinquedos” (bonecas de trapos, bolas, piões, miniaturas, cavalos de cana de carvão, peças feitas com o carolo do milho, carros de madeira e de lata, papagaios de papel, etc.). Executados pelas crianças e jovens, contam-se as brincadeiras de roda, apodos e apelidos usados na gíria da pequenada, jogos de escondidas, a luta entre os rapazes, os jogos de malha, as fundas, físgas, atiradeiras, armadilhas para

apanhar pássaros, etc. Grande parte dos brinquedos tradicionais são confeccionados pelas próprias crianças a partir de embalagens perdidas (latas vazias, arames, etc.), numa clara amostra da sua destreza, engenho e técnica. De tudo isso se infere a importância em se conhecer o quotidiano daquelas ilhas, no sentido da valorização da sua memória, o incremento da cultura tradicional e preservação da identidade Cabo-Verdiana.”⁸⁰

Capítulo 4

4.1. Para uma rota turística em Cabo Verde

As rotas turísticas assumem-se como uma atividade que integra o setor da animação e são promovidas pelo setor público e privado, servindo de exemplo da natureza compósita do produto (neste caso do turismo em Cabo Verde). É uma forma de organizar a oferta em torno de uma temática e permite e facilita o acesso/consumo dos recursos de um destino.

Neste capítulo centramo-nos numa rota turística de Cabo Verde concentrada em 3 ilhas: São Vicente, Santiago e São Nicolau, de modo a fazer um levantamento do que há para conhecer e visitar do ponto de vista cultural.

SÃO VICENTE

O que visitar?

Enquanto turista se pretende sentir um pouco mais da trepidação associada ao carácter multifacetado da população do país, deve viajar para Noroeste e conhecer a ilha de São Vicente e a sua capital, a cidade do Mindelo.

Descoberta em 22 de janeiro de 1462, a ilha de S. Vicente, do nome do Santo desse dia, teve um povoamento tardio, entre 1794 e 1850.

É um espaço cosmopolita, económico, cultural e natural onde é possível encontrar a cada passo exemplos preciosos de tradição africana, mas que aqui foi muito mais marcada por contributos de outras origens como a portuguesa, a inglesa e até a japonesa e brasileira.

O Palácio do Povo e a Câmara Municipal pedem um olhar atento, a rua de Lisboa, centro nevrálgico da cidade com o Palácio ao alto e a Escultura da Águia, que celebra a primeira travessia área do Atlântico por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, concentra o comércio mais tradicional, como o mercado, cafés e outros estabelecimentos que conservam o perfume da sua rica história.

Poderá visitar também uma réplica da Torre de Belém, erguida na Avenida Marginal.

O Mindelo também impressiona quando observada à distância, e para isso deverá fazer-se uma visita à pintura, sendo Tchale um dos pintores aclamados internacionalmente, até à tapeçaria, esta localizada no ponto terrestre do Fortim do Rei, a construção mais antiga e mais elevada da cidade, que data de 1852.

Expoente da cultura de Cabo Verde é no Mindelo, a par da música e da dança, o artesanato; um museu vivo que alberga alguns dos mais importantes aspetos da evolução da cultura do país, desde os tempos mais remotos do povoamento.

Da última poderá testemunhar na decoração de muitos hotéis e outros edifícios públicos em todo o arquipélago.

Poderá ver também o fabrico de instrumentos de corda, que alimentam, em boa parte, o pendor do cabo-verdiano.

O antigo Grémio deu lugar, há alguns anos, a um espaço multicultural, com salas de reuniões e espetáculos, biblioteca e museu e constitui, hoje em dia, um dos atrativos mais fortes da cultura em Cabo Verde: o Museu de Arte Tradicional.

O que fazer?

O Mindelo está longe de se aquietar, as noites quentes da cidade são manifestações de pujança cultural do país: as ruas enchem-se de festa, vozes penetrantes saem dos restaurantes, onde a gastronomia tradicional proporciona momentos de deleite, não fora S. Vicente a última grande metrópole da *morna*, com expoentes como Veneza, Luís Rendall, Manuel d'Novas ou Bau e intérpretes como Cesária ou Bana.

Depois, segue-se a ronda pelas discotecas, onde a par da música própria destes lugares é possível encontrar artistas populares.

E se procura teatro, este é dispensado no Mindelo por uma associação a Mindelact, com tradição enraizada na cidade desde há mais de 10 anos.

O Carnaval, celebração catártica de origem portuguesa, mas reimportada do Brasil, é, a par da Baía das Gatas, uma das festividades mais marcantes da ilha. Os festejos começam na tarde de domingo que precede o início da Quaresma, continua na terça-feira de Carnaval e termina com a eleição da rainha na quarta-feira de Cinzas, que em todo o Cabo Verde é uma das festas mais marcantes.

Como chegar às praias?

Viajando para leste a partir de Mindelo, começam a surgir praias de encantar, apropriadas para os turistas que pretendem desacelerar de uma noite bem vivida.

Na Baía das Gatas, o mar é calmo, cristalino e forma uma piscina protegida por um extenso muro que proporciona momentos únicos de diversão.

O lugar é internacionalmente conhecido e não apenas pela sua beleza. Todos os anos, no fim-de-semana de lua cheia de agosto realiza-se, desde 1984, um grandioso festival de música, que se tornou famoso e atrai gente de todo o arquipélago, mas também de muitos países estrangeiros e que transformam a baía num extenso acampamento, em que numerosas famílias mindelenses assentam também arraiais.

Uma escapadela à praia de Salamansa, ou às praias que orlam a costa norte, agora servidas por uma estrada que liga a Baía à Praia Grande e ao Calhau, seguida de escalada ao Monte Verde, o ponto mais alto da ilha, completa a viagem dos seus principais atrativos em véspera do arranque de diversas infraestruturas turísticas que prometem transformar profundamente a paisagem de S. Vicente, agora também dotada de um aeroporto.

A ilha tem ainda o dom de proporcionar condições naturais apropriadas aos interesses particulares dos turistas: perto do aeroporto, a praia de S. Pedro, com mar mais vivo e os ares mais agitados, é um paraíso para os praticantes do windsurf em alta velocidade; na praia da Calhau, a leste, garante excelentes banhos de mar e excelentes pescarias aos amantes desta prática.

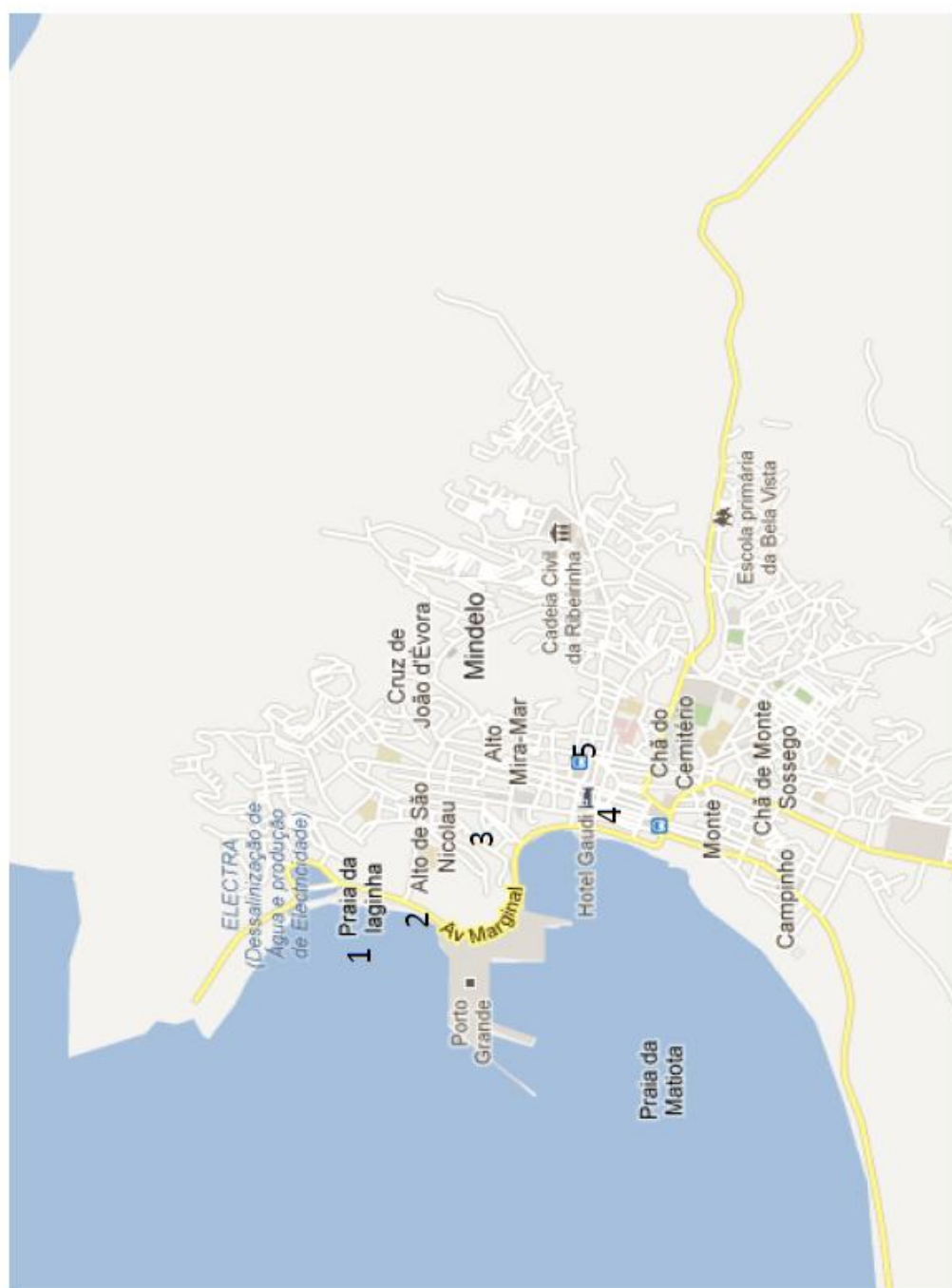
A praia de Tupi, a sul, tem acessos mais difíceis, mas nada que os voluntariosos praticantes de surf não ultrapassem para poder usufruir de condições únicas, propícias à prática da modalidade. Aqui perto, podemos ainda encontrar a Praia Grande, com o seu areal extenso que proporciona momentos de descanso puro e convívio com o mar que a adorna.

Mesmo sem sair do Mindelo, os amantes da praia podem satisfazer os seus gostos na Laginha, agora recuperada para ser plenamente utilizada. Por tudo isto, nenhum turista poderá dizer que não encontrou na ilha de S. Vicente condições para satisfazer os seus desejos e curiosidades, sejam elas as mais generalistas ou as mais ajustadas ao gosto de cada um. Tudo em pouco mais de 200km², 227 se quisermos ser mais precisos, povoados por perto de 100 mil habitantes, que se dedicam na sua maioria a atividades terciárias.

- 1- Praia de Salamansa
- 2- Baía das Gatas
- 3- Monte Verde
- 4- São Pedro



Ilustração 1 - São Vicente



- 1- Praia da Laginha
- 2- Avenida Marginal
- 3- Fortim do Rei
- 4- Camara Municipal
- 5- Palácio do povo

Ilustração 2 - Mindelo

SANTIAGO

A ilha de Santiago, a maior do arquipélago de Cabo Verde, com os seus quase 1000km² e com cerca de 300 mil habitantes, é uma paleta das maravilhas naturais, das preciosidades históricas e das riquezas culturais que encontraremos através de todo país.

Pode frequentar praias amenas, conviver com paisagens luxuriantes umas, e quase lunares outras; viajar na história ao tempo da pirataria e do tráfico de escravos e sentir o calor humano, cosmopolita ou rural; trepar a picos abruptos ou perder-se em vales verdejantes; sentir a essência tropical e africana em mercados típicos, em sabores inesquecíveis, em artesanato ou em música única que daqui parte para correr o mundo.

Por onde começar?

Comece por conhecer o berço, em tempos batizado como Ribeira Grande, agora conhecido por Cidade Velha. O silêncio e a paz de agora contrastam com os primórdios da penetração europeia nos trópicos africanos, através daquela que foi a primeira capital do arquipélago e a primeira cidade fundada em África pelos portugueses.

As casas permanecem erguidas em muros de pedra e, por vezes, cobertas de colmo e a vegetação luxuriante do vale que aqui se formou, com realce para os coqueiros e os imponentes imbondeiros. A fortaleza de S. Filipe foi erguida com pedra portuguesa e nos seus tempos defendeu a cidade das cobiças alheias, respondendo ao que nos anos de 500 foram os constantes ataques de corsários famosos como Francis Drake.

Desses tempos resta ainda a Igreja da Senhora do Rosário, com os seus túmulos e azulejos razoavelmente conservados. A Catedral, cujas ruínas foram estabilizadas, através de um projeto do famoso arquiteto Siza Vieira, espera ainda um projeto para a sua reconstrução. O Pelourinho de estilo manuelino que ainda atesta a violência a que os escravos eram publicamente sujeitos, é uma das poucas peças intactas na arquitetura da cidade da Ribeira Grande.

A cidade da Praia, capital da ilha, é um pedaço urbano de África nas águas Atlânticas e parece pulsar a partir da praça Alexandra de Albuquerque, espaço em que se cruza quem circula no plateau entre o comércio e os edifícios institucionais e religiosos que a circundam.

Hoje, a capital tem diversos aglomerados bairros populacionais, atraindo assim parte essencial da vida da cidade, quer no que diz respeito ao comércio, quer descentralizando a administração, quer ainda no que toca à diversão noturna, gastronomia, ou oferta cultural e desportiva.

Impõe-se uma visita aos mercados do Plateau, onde os produtos agrícolas do centro da ilha são trazidos pelas vendedeiras, carregando nos seus balaios, as papaias, bananas, mangas, mandioca, tomate, *tambarino*, coco, hortaliças e outras virtualhas de que a grande urbe se abastece, para a cozinha diária.

Visite o Sucupira, famoso mercado-restaurante virado para as mais variadas necessidades do consumo, desde roupa e calçado, ou serviços diversos, não dispensando as frutas e legumes. Este implantou-se com força no decorrer dos últimos 20 anos no vale que separa o Plateau da Achadinha.

Produto da expansão assombrosa da capital, a Avenida de Lisboa, a caminho do Palácio do Governo para sul, e demandando o Bairro de Vila Nova para norte, tornou-se o novo eixo da cidade, de passagem obrigatória para nela entrar ou dela sair.

Da Praia já é célebre o grupo coreográfico *Raiz di Polon*, cujas atuações constituem uma atração de muito bom nível artístico, cruzando harmoniosamente os sons da música tradicional Cabo-Verdiana com os ritmos da dança contemporânea.

Você poderá escolher dar um mergulho em praias como a de Quebra Canela, Prainha, Mulher Branca, Gamboa.

A Gamboa, uma praia pouco utilizada para banhos onde ainda persiste o pequeno Cais de Desembarque que servia os paquetes de passageiros do século passado, atrai praticantes de diversas disciplinas desportivas ao fim-de-semana, mas tornou-se conhecida pelo festival que tomou o seu nome e decorre, em regra, no mês de maio, atraindo à praia nomes sonantes da música internacional.

O que fazer à noite?

A noite na Praia é um tempo de muitas escolhas; dos sabores aliciantes da variada gastronomia às vertigens ou dolências de uma música profundamente enraizada na alma do povo. São momentos inesquecíveis de convívio, com uma reconfortante riqueza cultural.

Passe pelas noites do Quintal da Música, na Avenida Amílcar Cabral, são um exemplo do acima referido, em especial quando um grupo de batucadeiras agita as ancas no frenesim do cantar típico de Santiago.

O que visitar?

Saia da Praia e rume a Norte. Poderá ver sucessivas encostas montanhosas e vá até à paragem de S. Domingos onde conhecerá um dos vales mais ricos e verdejantes da ilha, que convida à procura de recordações cabo-verdianas no centro de apoio à produção popular.

São Jorge de Órgãos, a seguir, é o contraste com a aspereza das encostas montanhosas. Aqui, no encontro e sossego da densa vegetação pode visitar o único Jardim Botânico do país, que fica no sopé da elevação mais alta de Santiago: o Pico da Antónia.

E se a visita se realizar nos últimos três meses do ano, após as breves chuvas, pode estar certo que a vegetação será luxuriante!

Lá em cima, na vila de Rui Vaz, encontra-se um dos restaurantes mais frequentados da ilha, servido pela Quinta da Montanha, uma unidade rural que se dedica à agricultura por métodos que utilizam as mais recentes tecnologias de rega e seleção de produtos.

Do lado oposto a São Jorge, a norte, na Ribeira do Poilão, encontra-se a primeira barragem importante do país para aproveitamento das águas das chuvas. A construção é recente mas já são visíveis os campos férteis que sobem das margens, sobrevoados por bandos de garças brancas e pombos bravos. A passarinha, pequena ave de cores vivas, endémica nesta ilha e no Fogo, multiplicou desde então a sua presença, esvoaçando entre os galhos dos arbustos, em redor da lagoa.

É de resto marcante o contraste protagonizado por esta ilha antes e depois das chuvas, que entre julho e outubro, em períodos escassos, mas por regra em doses maciças, causa cheias nas ribeiras e revestem de verde toda a superfície da terra, que no entanto volta a assumir nos primeiros meses do ano a sua secura habitual.

A pouco mais de 60 km da Praia, a cidade e o campo misturam-se na atmosfera muito especial da Assomada. O mercado da cidade é um dos mais importantes centros de trocas comerciais do país, principalmente de produtos agrícolas. Para aqui convergem habitantes de todo o planalto, tanto para vender como para comprar e é também o local apropriado para visitar o Museu da Tabanka/Centro Cultural da Assomada.

Mais além, passado o planalto central da ilha, fértil e colorido, numa escapada à costa sudoeste, para um olhar a um dos muitos portinhos da ilha, visite Ribeira da Barca, uma povoação piscatória.

Bem a norte, ultrapassada a Serra da Malagueta, chega-se a um local de emoções contrastantes: o Tarrafal. A baía é um local paradisíaco de areias claras, águas tépidas e cristalinas, acolhedoras sombras de imponentes coqueiros, aquilo a que os amantes da praia sempre sonharam. É também um sítio muito importante para os pescadores que aqui desenvolvem a sua faina.

O contraste com as belezas naturais é corporizado pelo local do antigo Campo de Concentração construído no segundo quartel do século passado, pelo regime ditatorial que então vigorou em Portugal, e onde foram enclausurados os presos políticos e de direito comum, quer da então metrópole, quer das colónias portuguesas da altura. Um pequeno museu testemunha a saga de alguns destes prisioneiros, que não podem ser esquecidos.

Depois de mais um mágico encontro com a gastronomia tradicional, a *cachupa*, um prato consistente à base de milho, feijão, legumes e carnes diversas ou peixe, comece a viagem de volta, pelo Litoral Nordeste.

A paisagem muda, a estrada é acompanhada por pequenas baías e enseadas, minúsculos areais desertos de areias negras, onde ocasionalmente descansam botes de pesca. Em pequenas ribeiras descobrem-se terras agrícolas, alongando-se até ao mar.

A Ribeira de Principal, passada Mangue das Sete Ribeiras e antes de chegar a Chã de Monte, é uma veiga fértil de vida agrícola intensa. Poderá encontrar algumas aldeias de camponeses insubmissos que se isolaram numa espécie de protesto contra o que consideram ser a distorção envolvente dos princípios de vida em que acreditam: são os Rabelados.

Passada uma das principais povoações da ilha, S. Miguel da Calheta, chegamos a Santa Cruz, paragem obrigatória para contemplar extensas e convidativas paisagens de plantações de bananeiras, coqueiros e papaeiras, numa zona luxuriante, seguida por uma impressionante garganta: um passeio na estrada rasgada, através da plantação, é uma incursão pelo mundo dos sonhos.

Santiago de Pedra Badejo, é também uma povoação palpitante com o seu portinho de pesca, seguido de uma extensa plantação de coqueiros, mandioca,

bananeiras, cana-de-açúcar e outras culturas, desembocando num extenso areal negro, bordejando o mar, sempre presente e rendilhado na Costa Norte da ilha.

Já a cerca de 15 km da Praia, a Praia Baixo representa um convite irrecusável a um reencontro com as águas tépidas e transparentes. Há pouco tempo quase deserto, o trecho de Costa Sudeste, próximo da capital, povoou-se agora de *resorts*, como o Sambala, junto a São Francisco, outros ainda estão em projeto.

Como viajar?

A circular que liga o aeroporto à Trindade e a São Martinho Grande é agora um eixo mestre no desenvolvimento urbanístico da capital de Cabo Verde. O aeroporto Internacional da Praia deu lugar em 2005 à pista que até então só podia acolher aeronaves de pequeno porte, as quais garantiam o tráfego interno, além de algumas ligações às cidades mais próximas no continente. Desde então, agentes económicos e políticos, o mundo da cultura e do turismo tem acesso direto à capital!

Em bares, restaurantes ou hotéis, o turista terá o privilégio de conhecer ambientes especiais, mágicos até, que vão de encontro às raízes profundas de um povo que através da música exprime o sentimento que lhe vai alma.



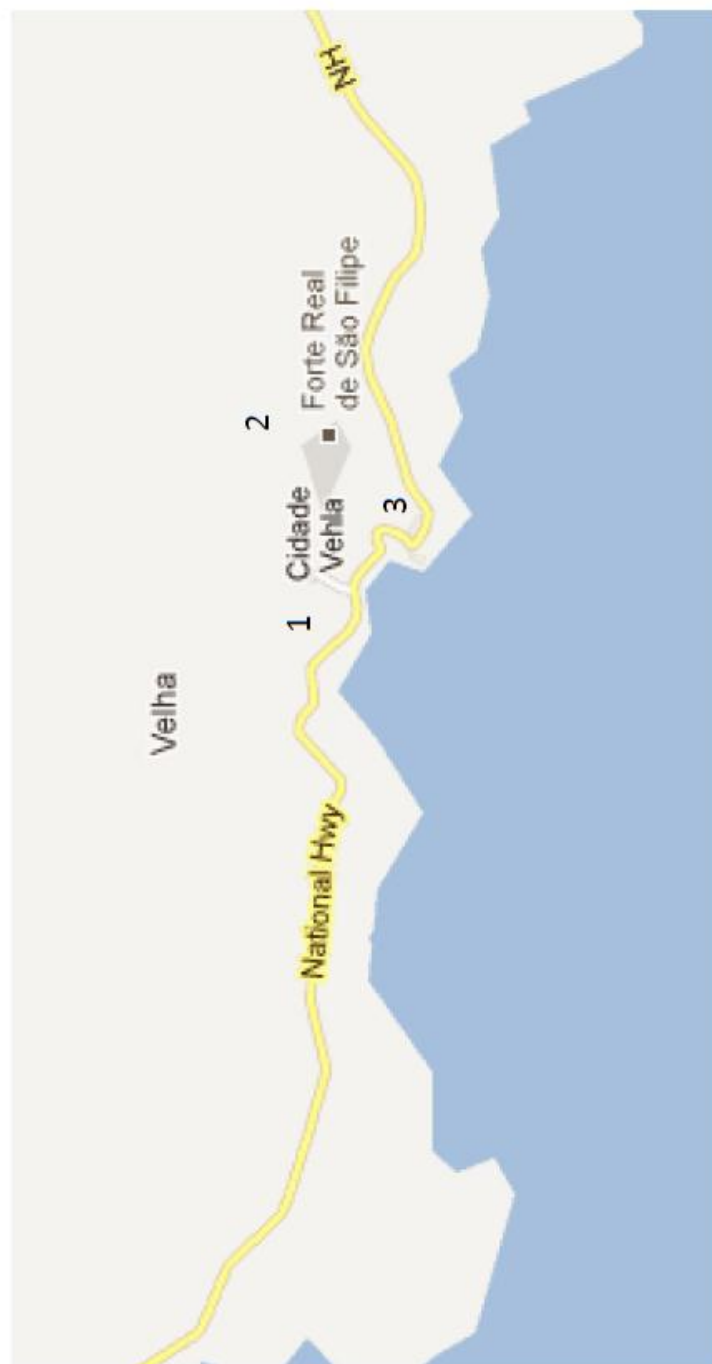
- 1- Tarrafal
- 2- Ribeira Principal
- 3- Serra da Malagueta
- 4- Ribeira da Barca
- 5- Calheta de S. Miguel
- 6- Santa Cruz
- 7- Ribeirão Delmasso
- 8- Museu da Tabanca
- 9- São Jorge de Orgãos
- 10- Praia Baixo
- 11- Cidade Velha
- 12- Praia

Ilustração 3 - Santiago



- 1- Pico da Antónia
- 2- Jardim Botânico
- 3- Rui Vaz e quinta da Montanha

Ilustração 4 - São Jorge de Orgãos



- 1- Pelourinho
- 2- Forte Real de São Filipe
- 3- Sá Catedral

Ilustração 5 - Cidade Velha



- 1- Aeroporto
- 2- Vila Nova
- 3- Sucupira Market
- 4- Palácio do Governo
- 5- Praia Gamboa
- 6- Prainha
- 7- Quebra Canela

Ilustração 6 – Praia

SÃO NICOLAU

A ilha de São Nicolau situa-se a Sudeste de São Vicente e transporta o turista ao encontro de heranças culturais do arquipélago, de paisagens singulares e de mistérios da escrita humana ainda por decifrar.

São Nicolau é também a ilha da nostalgia, evocada por Cesária Évora, que nos cantou a odisseia dos seus naturais emigrados nesse caminho longe para São Tomé.

A paisagem da ilha é montanhosa e muito variada, o principal centro urbano é a Ribeira Brava, que deve o batismo às torrentes impetuosas da ribeira na época das chuvas.

Nas ruas estreitas, becos e praças da vila, mantém-se a inconfundível arquitetura colonial, um sinal de identidade na caminhada da história.

O que visitar?

A Igreja Matriz e a Antiga Sé são edifícios que não devem passar despercebidos aos turistas. O mesmo acontece com o Seminário Liceu, por esta instituição ser a primeira escola secundária de Cabo Verde, tendo passando grandes vultos da cultura Cabo Verdiana.

Para oeste, nas redondezas da vila encontramos a zona do Cachaço, envolvida em frequentes nevoeiros, na ausência dos quais se pode contemplar a deliciosa paisagem sobre a Ribeira Brava.

No Porto da Preguiça, podemos contemplar o forte aí erguido e que para além de servir de proteção em relação aos inimigos do império português, homenageia Pedro Álvares Cabral que aqui passou na sua viagem e resultaria na descoberta do Brasil.

Viajando para noroeste e não muito longe da Ribeira Brava, pode visitar a Fajã, terra natal do grande escritor Baltazar Lopes da Silva. É um local que se distingue pelas boas potencialidades agrícolas visíveis nas plantações que cobrem toda a paisagem e pelos imponentes dragoeiros, árvores raras e antigas, típicas da ilha da Macaronésia, que integram a lista vermelha da IUCN, como uma das espécies em vias de extinção, mas que abundam nesta ilha, contando-se mais de 100 exemplares.

Se for sul, poderá encontrar a Balear Vila do Tarrafal. É principalmente uma vila piscatória, tornada famosa pelas suas praias de areias medicinais, ricas em titânio e em iodo. O lugar é recomendado para alívio em doenças dos ossos e das articulações.

Os habitantes da zona do Tarrafal vivem sobretudo da pesca e da indústria do atum, atividades que aqui proporcionam uma boa dinâmica comunitária, situando-se aqui a maior fábrica de conversas deste peixe em todo o Cabo Verde: a Sociedade Ultramarina de Conservas, Lda.

A pesca é aliás uma das ocupações principais de São Nicolau, ilha conhecida pelo seu mar riquíssimo, procurado como meio de subsistência e também com finalidades desportivas.

De todo o mundo chegam a São Nicolau os amantes da pesca, que se envolvem na procura do espadarte, espécie muito frequente nessas águas, principalmente nos meses de maio a outubro.

No caminho, entre o Tarrafal e Ribeira da Prata, vale a pena parar em Praia Branca, um povoado gentil, sobranceiro à praia do mesmo nome, onde o São João é festejado copiosamente com desfiles e tambores, bem como o tradicional salto por cima da fogueira, que empresta mistério à dança tradicional da coladeira em que o par se aproxima e choca num gesto sugestivo de namoro a condizer com a subida do calor, do verão que começa. Não faltará a incontornável cachopada, regada com grogue, tida por muitos, como o de melhor qualidade em Cabo Verde.

Para norte fica a Ribeira da Prata, mas para lá chegar há que ladear a costa para norte onde poderá passar por algumas encantadoras paisagens de litoral marítimo. Verá que percorrer esta distância vale a pena, principalmente para os amantes dos mitos etnográficos, porque ali existem os mitos da *rotcha scibrida*, que não sendo embora mais que concreções sedimentares incrustados na rocha, passaram a integrar a aura de mistério que a tradição sempre lega. Vale sobretudo pela paisagem soberba e pela população verdadeiramente acolhedora que aqui encontramos.

Da Ribeira da Prata pode subir-se à Fragata, no sopé do Monte Gordo, ponto privilegiado de observação com o mar a norte e a Fajã de Baixo a sul. A subida, que demora mais de 1 hora, transporta-nos por cenários idílicos, dignos dos deuses. Aqui chegados, passamos a fronteira de volta a outros tempos, tempos que nos fazem recordar as memórias dos nossos antepassados, contadas em pequenas histórias da nossa infância.

O Monte Gordo, com 1312 m de altitude presta-se a um passeio soberbo a pé. Através da sua vegetação, de coníferas e eucaliptos, sob a qual se desenvolve uma flora diversificada, que determinou a classificação deste espaço como Parque Natural, o cume é seco e despido, o que permite em dias de boa visibilidade observar, daqui, todas as ilhas do arquipélago.

Um outro passeio obrigatório na ilha é o Juncalinho, na costa nordeste da ilha, depois do Belém e Figueira de Cocho é uma esplendorosa piscina natural, de águas esverdeadas, contrastando com a aridez da parte leste da ilha em forma de cabo de machado pré-histórico.

Como em todo o país, São Nicolau não se fica atrás na importância dada à gastronomia, ostentado um prato que leva o seu nome, o *modje* de São Nicolau, é um ensopado de cabrito que se pode degustar nos poucos restaurantes da Ribeira Brava ou Tarrafal.

Também a música está em São Nicolau, presente, em todos os momentos da vida da ilha, indo o destaque para um género que a par da contradança veio da Europa: a mazurka. Toda a gente aqui sabe dançá-la na sua modelação saltitante, protagonizada pelo violino.

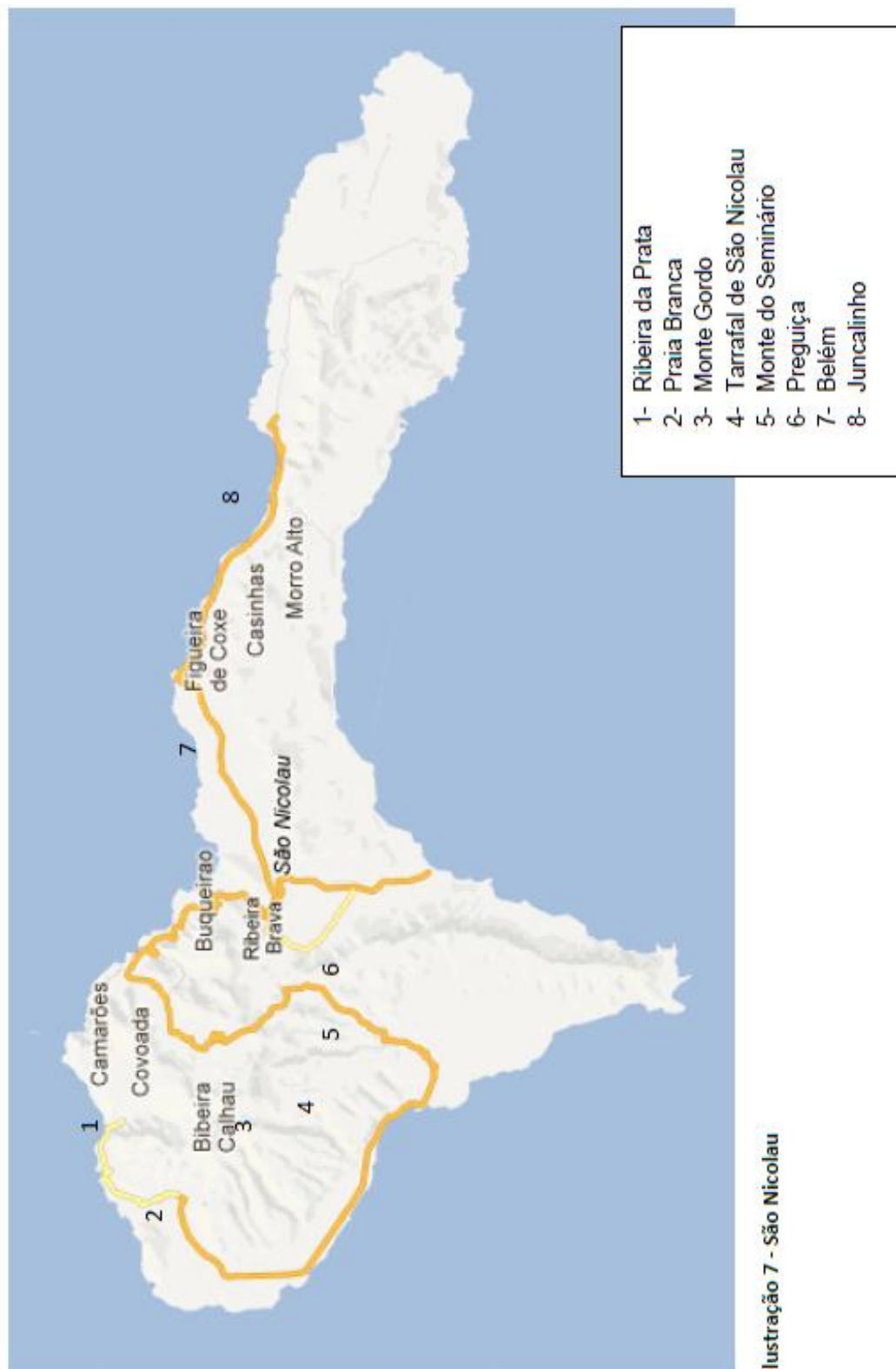


Ilustração 7 - São Nicolau

Conclusão

Da análise do turismo cultural em Cabo Verde na perspectiva da oferta resulta o facto de se tratar de um destino turístico emergente, com tendência de elevado crescimento em termos de fluxos turísticos; a par, perpetivam o seu potencial turístico, quer pela riqueza dos recursos naturais quer pelo seu posicionamento geográfico. Contudo, apresenta-se com recursos financeiros limitados e com falta de mão-de-obra qualificada, sendo que manifesta necessidades de desenvolvimento infraestrutural e organizacional numa perspectiva social e turística urgente.

Proveniente do estudo elaborado, apreendeu-se que os principais elementos diferenciadores de Cabo Verde, que se constituem como pontos fortes e que tornam o destino único no mundo são: a segurança no sentido lato; a proximidade aos principais mercados emissores; o clima temperado, com sol e temperaturas amenas durante todo o ano; a paisagem insólita; e a simpatia natural e a autenticidade do seu povo.

Neste seguimento, devemos sublinhar que o principal objetivo da investigação se prende com o levantamento das componentes enformadoras do turismo cultural em Cabo Verde. No ensejo, verificou-se que uma das maiores dificuldades é não haveram registos fidedignos e devidamente redigidos acerca dos bens culturais, materiais e imateriais, deste país.

Assim, houve o cuidado de identificar claramente alguns dos mais representativos destes bens, prosseguindo a sua identificação do ponto de vista turístico em ordem a definir os meios e as mensagens de comunicação condicentes com este posicionamento ao elaborar as rotas turísticas.

Em suma, as principais recolhas deste trabalho apelam no sentido de se conquistarem os segmentos e mercados com apetência atual e/ou potencial para a atual oferta de Cabo Verde. A gestão de expectativas é, nesta fase de desenvolvimento do Turismo de Cabo Verde, fundamental, isto para que seja possível um crescimento sustentado e adequado à realidade económica e sociocultural do país.

Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, J. - *A sociedade de consumo*. Lisboa. Edições 70, 1995.

BENI, Mário - *Análise estrutural do turismo*. São Paulo. 8ªEd. SENAC, 2003.

CABRAL, José - *O papel do turismo no desenvolvimento de Cabo Verde – turismo e combate à pobreza: nu djunta-mô*. Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, 2005.

CÂMARA DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TURISMO PORTUGAL CABO VERDE. Consultado no site <http://www.portugalcaboverde.com/main.php>, em 20 de julho de 2012 e a 6 de setembro de 2012.

CARIA, Tânia – “Boavista “*nha cretcheu*”, *A ilha mais bem guardada de Cabo Verde*”, Revista Viajar, Nº 244, (Dezembro 2008).

COUNCIL OF EUROPE - *Education Pack “all diferente – all equal”*. Strasbourg. European Youth Centre, 1995.

CONSELHO DA EUROPA - *Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade*, Resolução da Assembleia da República n.º 47/2008, de 12 de Setembro, Diário da República, 1.ª série, 177, 6640-6652, 2005.

CUNHA, Licínio - *Economia e Política do Turismo*. Lisboa. McGRAW-HILL, 1997.

DIÁRIO DA REPÚBLICA ELETRÓNICO. *Convenção quadro do conselho da europa relativa ao valor do património cultural para a sociedade*, N.º 177 — 12 de Setembro de 2008. Disponível em <http://dre.pt/pdf1s/2008/09/17700/0664006652.pdf>

EMBAIXADA DE CABO VERDE EM LISBOA - Consultado no site www.embcv.pt/, em 6 de setembro de 2012.

FILHO, João Lopes – *Defesa do Património Sócio-Cultural de Cabo Verde*. Lisboa. Ulmeiro, 1985.

FILHO, João Lopes - *Introdução à cultura cabo-verdiana*. Praia. Editora Instituto S. Da Educação Cabo Verde, 2003.

FORTES, Vandira A. N. – *Nacionalidade Brasileira e CaboVerdeana*. Rio de Janeiro. Monografia para obtenção do grau de especialista em Direito Internacional. Universidade Cândido Mendes, Instituto A Voz do Mestre, 2012.

FUSTER, Luis - *Introducción a la teoria y técnica del turismo*. Madrid. Alianza Editorial, 1991.

GAMARRA, Yolanda - *La Cooperación Internacional em su Dimensión Cultural y el Progreso Del Derecho Internacional*. Madrid, 1998.

GOELDNER, Charles; RITCHIE, J. R. & MCINTOSH, Robert W. – *Turismo: Princípios, práticas e filosofias*. Porto Alegre. Bookman, 2002.

GONÇALVES, António - *A construção das identidades culturais na África Subsariana*. Atas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. As Ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa, balanços e desafios, 2002.

GUIA DE CABO VERDE – Consultado no site <http://www.guiadecaboverde.com>, em 16 de maio de 2012.

HALL, Stuart - *The question of cultural identity*, in Stuart Hall, David Held and Tony MacGrey (eds) *Modernity its Futures*. Cambridge.Polity, 1992.

HALL, Stuart - *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. DP&A, 1998.

INSTITUTO DAS COMUNIDADES DE CABO VERDE – Consultado no site www.ic.cv/, em 16 de maio de 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTÍSTICA DE CABO VERDE – *Estatísticas Económicas*, 2008. Consultado no site <http://www.ine.cv/dadostats/dados.aspx?d=2>, em 6 de setembro de 2012.

MARIANO, Gabriel - *Cultura caboverdeana: ensaios*. Lisboa. Vega, 1991.

MARTÍNEZ, Ten & POZO, Serra - *Formación en educación intercultural para asociacones juveniles*. Madrid. CJE Consejo de la Juventud de España, 2004.

MATHIESON, A., & WALL, G. - *Tourism: Economic, Physical and Social Impacts*. Longman. Harlow, 1982.

MILANI, Carlos R. S.; DROULERS, Martine - *Desenvolvimento Local e Turismo em Tarrafal (Cabo Verde) - Lições metodológicas a partir de uma experiência local*. Praia. UNESCO e Programa Management of Social Transformations, 2002.

NILE (Network Intercultural Learning in Europe) – *Implementing Intercultural Learning Activities – A Methodological Guide*. Dvv International. Bonn, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO – Consultado no site <http://www.unwto.org/>, a 12 de julho de 2012.

PEROTTI, A. - *A Apologia do Intercultural*. Lisboa.Secretariado Entre culturas, 1997.

PINA, Leão D. J. L. – *Valores e Democracia em Cabo Verde entre adesão formal e embaraço cultural*. Brasil. Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2006.

PIRES, Pedro - *Independência de Cabo Verde*. Revista Lusofonia on-line (março-abril/2010). Disponível no site http://revistalusofonia.net/ed59/capa_01_03.htm, em 6 de setembro de 2012.

PINHO, J. - *Multiculturalismo e Democracia, o papel das minorias*. Centro de Estudos Multiculturais, 2001.

PLANO ESTRATÉGICO PARA DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM CABO VERDE, 2010-2013. Ministério de Economia, crescimento e competitividade – Direção Geral do Turismo. Disponível no site http://portoncv.gov.cv/dhub/porton.por_global.open_file?p_doc_id=763

PRITCHARD, Annette; MORGAN, Nigel - *Mythic Geographies of Representation and Identity: Contemporary Postcards of Wales*. Tourism and Cultural Change, Vol. 1, nº2: 111-130, 2003.

RAMOS, António - *Conflitos de Identidades em Cabo Verde: Análises dos casos de Santiago e São Vicente*. Universidade do Porto, 2009. Tese de Mestrado em Estudos Africanos.

RAMOS, Manuel João - *Breve nota crítica sobre a introdução da expressão “património intangível” em Portugal*, in Vítor Oliveira Jorge (coord.), *Conservar para Quê?* Porto/Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade do Porto et al., 67-76, 2005.

RAMOS, Maria da Luz - *O fenómeno elitista em Cabo Verde: o papel da educação escolar*. Lisboa. Centro de Estudos de Antropologia Social, ISCTE, 2012.

RELATÓRIO DE PROGRESSO DE EXECUÇÃO DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÉNIO CABO VERDE. Objetivos do Desenvolvimento do Milénio, 2009. Disponível no site <http://www.un.cv/files/MDGReportCV.pdf>.

RODRIGUES, Sandra; OLIVEIRA, Shênia - *Turismo, Patrimônio e Desenvolvimento em Cabo Verde*. NetSaberArtigos, n.º 10149. Disponível no site http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_10419/artigo_sobre_turismo,_patrimonio_e_desenvolvimento_em_cabo_verde

SANTOS, Cecília Rodríguez - *Novas Fronteiras e Novos Pactos para o Patrimônio Cultural*. São Paulo. São Paulo em Perspetiva, 2001.

SOCIEDADE DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DAS ILHAS DE BOAVISTA E MAIO (SDTIBM) – Consultado no site <http://www.sdtibm.cv/>, a 9 de junho de 2012.

THÉRON, Daniel - *Benefits and innovations of the Council of Europe Framework Convention on the Value of Cultural Heritage for Society*, in *Heritage and Beyond*, Council of Europe Publishing, 9-11. Strasbourg, 2009.

TOOMAN, A.L. - *Tourism and development. Journal of Travel Research.* , N°35, p. 33-40, 1997.

UNESCO - *Masterpieces of the Oral and Intangible Heritage of Humanity, Proclamations 2001, 2003 and 2005*, UNESCO. France, 2006c.

UNESCO - *Cidade Velha becomes Cape Verde's first World Heritage site*. Disponível no site <http://whc.unesco.org/en/news/527>, em 6 de setembro de 2012.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME, consultado no site www.undp.org, a 4 de junho de 2012.

VAZ, C. - *Afinal, quem sou eu?* A identidade de crianças de origem Cabo-Verdianas em espaço escolar. Universidade técnica de Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2006.

VYGOTSKY, L. - *A formação social da mente*. São Paulo. Martins Fontes, 1989.

ZAMPARONI, Valdemir – “*Da Escravatura ao Trabalho Forçado: teorias e práticas.*” *Africana Studia*, N.º 7, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 299-325, 2004.